



# ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

## DA SOCIEDADE SALESIANA

### SUMARIO

- I. Carta do Reitor-Mor** (pág. 3)  
 Uma perda dolorosa — Os encontros com os Inspetores — Nas Missões do Equador — Na Pátria de Zeferino Namuncurá — No Encontro dos Coadjuutores de Quito — Sinal de recomeço para as vocações — A delicada “formação inicial” — Encontrei jovens empenhados — Entre os meninos da estrada — Com oração e com método salesiano — Somos construtores de comunhão.
- II. Disposições e normas** (faltam neste número)
- III. Comunicações** (pág. 19)  
 1. As Missões pedem pessoal — 2. O Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores — 3. Os Bispos salesianos — 4. Nomeações  
 5. O novo Presidente confederal dos Ex-Alunos — 6. “Solidariedade fraterna” supera 250 milhões (de libras).
- IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral** (pág. 27)
- V. Documentos** (pág. 31)  
 Concurso para o manifesto do Centenário das Missões.
- VI. Dos Noticiários Inspetoriais** (pág. 34)  
 1. Ato de fé na Missão salesiana — 2. Depois do encontro sobre a Família Salesiana — 3. “Apostolado cinematográfico” — 4. Clérigos em linha com a renovação — 5. Demasiados padres... massagistas — 6. Noticiário número 500.
- VII. Magistério Pontifício** (pág. 40)  
 Convite para melhor ouvir a palavra do Papa — 1. Evangelizar com a comunicação social — 2. Toca a vocês jovens testemunhar o Cristo — 3. Farei de vocês, jovens, pescadores de homens.
- VIII. Necrológico.** — Segundo elenco para 1974 (pág. 53)



## I. CARTA DO REITOR-MOR

---

*Roma, julho de 1974*

*Irmãos e filhos caríssimos,*

estou apenas chegando da recente e longa viagem que fiz pela América Latina e me dirijo a vós para o nosso encontro periódico.

Desta vez — mais do que tratar de um argumento único e empenhativo — parece-me conveniente entreter-me convosco sobre várias notícias de família, que me são sugeridas de modo particular pelas recentes visitas a muitas Inspetorias.

Assim tereis mais tempo para repassar refletindo e aprofundando de maneira vital os argumentos empenhativos que vos haviam sido apresentados nas cartas precedentes. Podereis ainda conhecer, com o que vou dizer-vos agora, alguns aspectos interessantes da vida de hoje na Congregação. Parece-me que essas informações sejam também elemento útil para valorizar o sentido de unidade, que é força e vida para toda a Congregação.

Com relação à carta sobre as vocações, que vos foi enviada em janeiro deste ano, fiquei sabendo com satisfação que grupos e comunidades houve que fizeram sérias reflexões, seguidas de conclusões concretas. Parece-me mesmo seja essa a finalidade das cartas do Reitor-Mor: oferecer uma doutrina, o mais que seja possível, clara, atualizada e salesianamente garantida; e ao mesmo tempo oferece às comunidades não só matéria de leitura pessoal e comunitária que seja útil, mas também argumentos de estudo, reflexão, debates, para realização convicta e concreta de orientações e diretrizes, hoje mais que nunca, necessárias para alcançar

a renovação construtiva, a que — com a Igreja — é chamada toda a Congregação.

Quisera por isso convidar a todos que se fizessem parte diligente em aprofundar e valorizar de modo concreto os temas que — pelo seu conteúdo — são também elemento não secundário da unidade de a Congregação, para ser o que verdadeiramente deve ser, precisa hoje mais do que em qualquer outro tempo.

Passemos agora às informações de família.

### **Perda dolorosa**

Começamos com uma notícia triste, mas que por muitos aspectos é motivo de santo orgulho para todos nós. Falo da morte do saudoso Card. Trochta, um grande filho de que a Congregação, enquanto se inclina perante a sua figura recolhendo-se em oração, sente que se deve ufanar. Talvez já tenhais recebido a carta mortuária; recomendo que se difunda largamente. E espero que em lapso tempo não muito longo possamos ter dele merecida biografia. Trata-se, como disseram vozes autorizadas, de um verdadeiro mártir da história moderna da Igreja.

Quase contemporaneamente à notícia da morte do querido Card. Trochta, chegava-nos a comunicação da nomeação do sucessor do saudoso Dom V. Boric no governo da Diocese de Punta Arenas no Chile, na pessoa do nosso irmão Dom Tomás González, que já era Vigário Inspeccional e Episcopal.

Todos sabemos que Punta Arenas é terra “salesiana”, como toda a região patagônica. No limiar do Centenário da primeira expedição missionária à América Latina (1875), missão essa que haveria de ter desenvolvimento surpreendente com a realização dos sonhos de Dom Bosco precisamente em terras da Patagônia e Magalhães, a nomeação do jovem Bispo é simbolicamente rica de esperanças para o novo século de vida daquela igreja, que nasceu das lágrimas e sacrifícios de tão numerosos e beneméritos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora.

## Os encontros com os Inspetores

Nos meses passados, como sabeis, executando um plano previamente estudado e programado com o Conselho, visitei muitas nações e não poucas Inspetorias da América Latina. Pude encontrar-me com centenas e centenas de confrades, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, Ex-alunos e com numerosos grupos de jovens.

Mas creio seja melhor ir ordenadamente (embora não desça a muitos pormenores, que podeis encontrar nas secções deste número dos Atos e nos noticiários das diversas Inspetorias).

Devo em todo caso precisar que, como já acenei, os encontros correspondiam a um plano, que propunha alcançar certas metas determinadas numa série de sessões plenárias do Conselho.

O momento central dessas viagens foi sempre o encontro com os Inspetores das várias regiões. Os encontros, que começaram em outubro de 1973 na Cidade do México para a Região do Pacífico-Antilhas, continuaram com os encontros com Inspetores de língua inglesa, e sucessivamente com os Inspetores da Europa Ocidental do Norte e Oriental, realizados em Roma.

O mês de abril foi dedicado à reunião dos Inspetores da Região Atlântica da América Latina. Realizou-se na bela e recolhida Casa de Exercícios das Filhas de Maria Auxiliadora em São Miguel, perto de Buenos Aires.

Para vos apresentar o quadro completo desse programa de trabalho para o ano de 1974, acrescento que na primeira quinzena do mês de junho tivemos em Roma a reunião dos Inspetores da Região Ibérica e depois o da Conferência Italiana. Em outubro encerrar-se-á a série de tais reuniões em Hong-Kong, onde estarão presentes os Inspetores do Extremo Oriente.

Os assuntos apresentados na ordem do dia em todos os encontros são substancialmente iguais, e são ilustrados antes de tudo por relatórios preparados por cada um dos Inspetores sobre os vários argumentos os quais vão tomando as-

sim uma aplicação concreta e aderente à realidade. Seguem-se trocas de experiências e relativas avaliações, que têm como ponto de partida debates que se desenvolvem com largueza e liberdade, e com a preocupação de achar nos vários pontos os elementos para em união construir a verdadeira renovação, correspondente ao pensamento do nosso Capítulo Geral Especial.

Nesses dias verdadeiramente cheios põem-se na ordem do dia os temas sugeridos pelo amplo panorama dos interesses vitais da Congregação, incluindo os temas sugeridos pelas situações locais. E os encontros se sucedem sempre animados por um clima salesiano sob todos os aspectos, para o que contribuem não pouco as celebrações litúrgicas devotas, cheias de dignidade, diligentemente preparadas; o espírito de família e amizade que se estabelecem logo entre os participantes; a alegria serena e festiva, alimentada por cantos de ontem e... de hoje, em que todos nos encontramos a receber e a dar.

Mais de uma vez percebi, na conclusão desses dias, manifestar-se um sentimento como que de saudade na perspectiva do término desses momentos de jubilosa fraternidade. Quanta riqueza e quanta vantagem para todos quererem-nos bem e ainda mais em mostrarmos que nos queremos bem. É uma lei de humanidade antes mesmo que de vida cristã e salesiana.

Mas, como dizia, se é verdade que o centro dos encontros são os dias de estudo com os Inspetores, quando esses encontros não se realizam em Roma (como no caso da América Latina e, no próximo mês de outubro, do Extremo Oriente), tanto o Reitor-Mor como os Superiores dos Dicastérios — os quais tomam sempre parte nas — reuniões — fazem, depois de programadas com o Superior Regional, uma série de visitas e reuniões com as pessoas interessadas nos sectores da competência de cada um.

O P. Viganò se ocupa de todos os problemas concretos da formação, em encontros com os responsáveis nas várias Inspetorias; o P. Dho, da catequese, da pastoral da juventude e da pastoral das vocações, particularmente do aspirantado ou seminário menor, tão importante para a vida da Congregação.

O P. Raineri desperta o interesse e esclarece os responsáveis inspetoriais sobre o problema dos leigos, especialmente sobre o dos Cooperadores Salesianos, elemento hoje cada vez mais claramente insubstituível que completa e integra a nossa missão. Trata dos Ex-alunos e estuda com os interessados como aproveitar de maneira concreta os instrumentos de comunicação social no que se refere à comunicação na Congregação, às editoras, ao emprego dos meios audio-visuais em nosso apostolado — segundo o espírito de Dom Bosco e a constante tradição salesiana.

Mas penso que vos será agradável e ao mesmo tempo útil ouvir realidades, fatos, situações de particular relevo que pude constatar nas várias visitas que fiz.

### Nas Missões do Equador

A primeira nação da América Latina onde no mês de abril parei por alguns dias foi o Equador. As afetuosas insistências do Inspetor que se fazia eco do desejo dos confrades, o fato de que nas várias viagens pela América não tinha ainda estado nessa Nação, a recente reunificação das duas Inspetorias e a presença de importantes zonas missionárias foram as razões convergentes da visita ao Equador, que, não resta dúvida, me cansou não pouco, mas proporcionou constatações consoladoras e jubilosas.

Omitindo elementos que seriam aliás interessantes, li-mito-me a pôr em relevo a visita, embora rápida, a algumas das nossas missões.

Estive em Pastaza, Macas, Yaupi e Santiago.

Pude assim ver claramente o trabalho feito por Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Voluntários, naquelas terras onde partimos do nada, em ambiente que foi então definido como desencorajador, que parecia refratário a qualquer trabalho, tanto de promoção humana como evangelizadora. (Era o famoso “pau seco que se devia cultivar” no dizer do saudoso bispo Dom D. Camin).

A situação atual dá razão à fé e ao sacrifício daqueles nossos tenazes confrades, cujo trabalho prosseguem agora

com igual dedicação os missionários que vierem substituir os que caíram, os anciãos, os doentes.

Todos estes confrades — é a nota comum nos lugares de missão — são felizes mesmo na sua extrema pobreza, e na vida simples e, diria, primitiva a que se adaptam sem saudades do estilo de vida que bem conheceram e a que renunciaram ao deixar a Pátria.

Não precisamos de particular esforço para verificar que é a fé e a lembrança do “da mihi animas” que aprenderam de Dom Bosco, que animam também hoje estes e tantos outros dos nossos irmãos na divina aventura missionária.

A mim me parece que a Congregação pode olhar cheia de confiança para o futuro, contando com homens (e não são poucos) desta têmpera e fé.

### **Na pátria de Zeferino Namuncurá**

Na série de visitas à Missões da América Latina estive também em Bahia Blanca e Fortin Mercedes, na Argentina Patagônica.

Nesses breves dias pude constatar o imenso e fecundo trabalho realizado num século pelos nossos confrades e Filhas de Maria Auxiliadora. Definí-los como heróicos não me parece hipérbole; os fatos falam claramente. As várias gerações de missionários naquelas terras dos sonhos de Dom Bosco se inseriram profundamente no povo, pode-se até dizer que se identificaram com o povo. Dom Bosco tornou-se, na vida daquelas povoações, um grande, benfazejo e simpático amigo, presente em todas as partes.

É impressionante como em Bahia Blanca que é hoje uma cidade moderna, as mais variadas atividades do povo — comércio, artesanato, indústria, da padaria à garagem, da indústria agrícola à olaria — tenham o nome de Dom Bosco. Sinal evidente do quanto penetrou Dom Bosco — e com ele os seus filhos — naquelas terras, e do quanto fizeram sem alarde pela promoção humana e social daquela boa gente, enquanto se iam sempre empenhando na sua evangelização.

No limiar do Centenário da primeira expedição missionária à América Latina devemos lembrar e prestar homenagem a todos esses membros da Família Salesiana que foram nestes cem anos os intrépidos construtores, naquelas terras, da cidade humana e cristã.

E não gostaria de silenciar um fato característico, que se encontra na região da Patagônia salesiana que tem Fortin Mercedes como centro de propulsão e difusão. Não é nem sequer uma vila, ou é quando muito uma minúscula vida salesiana. Pode-se dizer que é a Casa Matriz daquela região. Numerosos Salesianos receberam lá a primeira formação, e olham para Fortin Mercedes e para aquele pequeno mundo como para a casa paterna.

Hoje o lindo santuário de Maria Auxiliadora que sob muitos aspectos reproduz e lembra o de Valdocco, com a devoção a Maria Auxiliadora difunde a de Zeferino Namuncurá, cujos restos mortais repousam exatamente em Fortin Mercedes. O santuário é muito freqüentado por peregrinações que vêm de diversas partes da Argentina e é impressionante ver o fervor e ao mesmo tempo o amor que tanta gente numa escala variada de classes sociais, culturais e de idade, demonstra para com essa “flor da Pampa”. E com razão Zeferino, como é chamado pelo povo, é como que o fruto símbolo de toda a ação apostólica dos nossos confrades na gente da vasta Pampa.

O voto ardente de todos é que N. Senhor glorifique este jovem patagônio. Essa glorificação, esperamos todos, enquanto será como um prêmio dos trabalhos apostólicos de um século, será certamente estímulo eficaz para continuar, na nova situação daquelas terras, a obra de promoção humana e cristã adequada aos tempos.

### **Na “Reunião dos Coadjuutores” de Quito**

Ao voltar do Equador, um fato naquela Nação deixou em mim impressão tanto mais profunda e agradável, quanto menos sonhada. Pude assistir à “Reunião Inspeccional dos Salesianos Coadjuutores”. Belo número, larga escala de idades, mas com numerosos jovens e leque bem rico e variado

de ocupação, desde o precioso colaborador dos sacerdotes nos lugares de missão, ao técnico, ao agricultor, ao mestre-escola, até ao Coadjutor que faz parte do Conselho Inspetorial.

O que me admirou na reunião foi antes de tudo a preparação séria e cuidadosa, a participação quase total dos Coadjuutores, a harmonia e a compreensão recíproca entre sacerdotes e confrades leigos, a concreção e sinceridade em estudar os temas, a ausência de atitudes polémicas, a preocupação geral de achar os elementos que servissem para redescobrir e valorizar, à luz do Capítulo Geral Especial e da experiência recente, a vocação e o papel do Coadjutor.

Sinal e elemento do clima feliz em que se realizava a Reunião era também a alegria, que se manifestava nas costumeiras formas salesianas.

A experiência de Quito veio confirmar a impressão que tivera assistindo a outras Reuniões Inspetoriais de Coadjuutores na Europa. Podemos bem esperar, com tais promessas, que as Reuniões Regionais e depois a Mundial produzam os frutos que os nossos caríssimos Coadjuutores e toda a Congregação desejam.

### **Sinais de renovado esforço pelas vocações**

Constatação que pude fazer em várias Inspeorias, de-sejo pôr em evidência por causa do conjunto de valores que encerra. Não quero deixar levar-me por um fácil otimismo, mas, me parece, posso afirmar com sinceridade que na América Latina, encontrei não só geral preocupação pelas vocações, mas vi ainda que em muitas Inspeorias os salesianos se deram a um trabalho sério, metódico, pelo qual as comunidades se sentem realmente interessadas e responsabilizadas.

Começamos a recolher os frutos de tal trabalho. “Estamos recomeçando em questão de vocações”, ouvi dizer-me mais de uma vez com acentuação de esperança e satisfação. E isso é motivo de renovado empenho, enquanto que se tornaram negativas.

Elemento concreto se tem no acrescido número de noviços, e mais ainda de postulantes, com características bem significativas quanto à idade (que anda à volta dos vinte anos), quanto aos estudos sérios (muitos são pré-universitários). Fato digno de nota, são jovens que provêm em grande parte de obras nossas, incluindo os grupos juvenis muito empenhados sob o ponto de vista espiritual.

Queira Deus que estes “sinais de renovado esforço” se estendam, não só na América Latina, mas ainda em outras Inspetorias que até agora não tiveram a alegria de constatar estes “sinais”. É certo, porém, que a tática das vocações passa obrigatoriamente através das comunidades e da sua vida religiosa e pastoral, e não pode desconhecer a lição clara e admoestadora que vem dos resultados absolutamente negativos das chamadas “experiências” destes últimos anos.

### **A delicada “formação inicial”**

Assunto que nunca faltou nas reuniões com os Inspetores e nos numerosos encontros com os Conselhos Inspetoriais, Diretores, “Formadores” foi o da formação inicial (noviciado, período de preparação até à profissão perétua e sacerdócio). É, sob muitos aspectos, um dos problemas mais delicados, que dizem respeito ao futuro e à vida das Inspetorias; a situação se tornou mais grave depois do fechamento de vários dos nossos estudantados e da dispersão de grupos de estudantes nas mais diversas situações, quer pelos centros de estudos que frequentam, quer pelas comunidades em que se inseriram.

É um problema aberto: mas vai-se verificando que muitas situações não podem continuar, porque não são certamente construtivas com vistas a séria e sólida formação, compreendendo a formação salesiana, que corresponda às exigências atuais. Só o fato de permanecer na própria Inspetoria não é elemento que resolva as exigências da formação; requerem-se muitos outros elementos, e as Inspetorias muitas vezes não têm meios nem pessoas para prover de modo adequado. O Capítulo não quis dizer que a formação

se efetua quase automaticamente pelo fato de que se faz no território da Inspetoria. Isso não teria sentido.

Em Buenos Aires os Inspetores do Grupo de Mar del Plata, reconhecendo que é necessário achar verdadeiras e positivas soluções para este problema, determinaram estudar de modo concreto os modos para se recomeçar um único e comum centro salesiano de estudos que será freqüentado pelos clérigos das várias Inspetorias do grupo. Serão naturalmente estudados todos os problemas inerentes à existência deste centro de estudos, à convivência e à vida comunitária dos estudantes. Particular importante: a realização do plano supõe a solidariedade e a contribuição de cada uma das Inspetorias. É um princípio que todos os Inspetores se comprometeram a respeitar.

Enquanto fazemos votos que a decisão do grupo das Inspetorias do Prata, através da efetiva colaboração de todos se torne realidade construtiva, me parece de dever recordar aos responsáveis que o caminho seguro — e talvez único — para resolver problemas como esses da formação, é o de concreta colaboração das Inspetorias interessadas.

Somente forças que se integram é que podem realizar planos como esses, essenciais para a vida de todas as Inspetorias, que são dest'arte recompensadas, e largamente, dos necessários sacrifícios. A solidariedade não pode consistir só em receber, mas também em dar. O balanço final é sempre ativo para todos.

### **Encontrei jovens que assumiram compromissos**

Em várias Nações experimentei a alegria de encontrar-me com grupos de jovens que, embora com gradação e acentuação diversas me deram uma imagem comum positiva. Encontrei jovens seriamente empenhados antes de tudo numa experiência de oração intensa e de aprofundamento do Evangelho e da palavra de Deus; jovens que ao mesmo tempo demonstram vivo desejo de conhecer em profundidade a Dom Bosco não só na sua sempre impressionante atividade apostólica, porém ainda mais no seu método educativo e no seu espírito peculiar; jovens que desenvolvem ação apostólica muito construtiva no grande leque da nossa missão.

Alguns grupos, como por exemplo no Brasil, fazem já “experiência missionária”, muito útil em tantos aspectos, empregando o tempo das férias, e algum tempo ainda maior, para ajudar em nossas missões nas mais diversas mansões, como catequistas, técnicos, mestres-escolas, assistentes sociais, etc.

Esse esforço confortador e cheio de vida de tantos grupos de jovens em nossas obras ou ao seu lado fêz-me tocar com mão duas realidades que acho oportuno apresentar.

A primeira é esta: muitos jovens só esperam por se empenharem em vida seriamente cristã e por isso fecunda de generosidade e doação ao próximo. Não somente isso, mas devidamente esclarecidos e guiados chegam a descobrir toda a riqueza e atualidade do espírito e método educativo de Dom Bosco, do qual acabam por ficarem enamorados. Lembro-me, a propósito disso, do longo e interessante diálogo que mantive com mais de cinqüenta jovens do movimento juvenil salesiano, de dezesseis a vinte e dois anos de idade, em Santiago do Chile.

Fiquei profundamente impressionado vendo como conheciam Dom Bosco e como se mostravam ávidos de saber ainda algo mais da sua figura e missão.

A outra realidade, que certamente já percebestes, é esta. Por detrás e ao lado desses grupos está sempre o Salesiano, animador cheio de fé, caridade e entusiasmo. Aí está tudo. A florescência desses grupos, como de qualquer outra atividades pastoral no campo da nossa missão se liga e subordina à pessoa, ao estilo de trabalho do Salesiano. O confrade, preparado culturalmente e antes ainda espiritualmente, que saiba perceber as exigências dos jovens de hoje, e sinta a responsabilidade de lhes transmitir a mensagem de Cristo com o espírito e sensibilidade apostólica salesiana, tem campo imenso no qual pode trabalhar com fruto.

É natural que nem tudo é fácil. Dificuldades não faltam nem podem faltar. Mas que obras há e atividades que sejam fáceis e isentas, especialmente hoje, de dificuldades? A fé e a caridade, como para Dom Bosco assim para nós, serão as poderosas energias que farão superar todos os obstáculos.

Sem elas, o que há é o imobilismo, o lamento estéril, a frustração, a crítica que destrói, forças todas essas negativas que, em vez de nos fazer progredir e renovar, acabam por nos fazer perder tempo e terreno e andar para trás.

### Entre os meninos da rua

Nas várias nações que visitei, encontrei também numerosas e interessantes iniciativas em favor dos meninos pobres. Algumas recentes, outras funcionando já há tempo, todas bem enquadradas nas orientações do nosso Capítulo Geral Especial.

Nas grandes metrópoles angustiadas pelo fenômeno das chamadas “favelas”, pode-se dizer que os Salesianos se acham em via de regra presente: inserem-se no coração desses desordenados e miseráveis aglomerados de barracos e tugúrios, de habitações amontoadas; participam eles também da extrema pobreza daquela gente infeliz, voltados a se prodigarem para melhorar a condição humana e social, profissional e espiritual, de tantos meninos que vêm nos “padres” os amigos sinceros e desinteressados que só procuram fazer-lhes bem; Salesianos que trabalham com sentido autenticamente apostólico e com doação alegre nesta triste e dorida exposição de misérias humanas. No Rio de Janeiro, Caracas, Porto Príncipe, Guatemala, Guayaquil, Belém e em outros lugares.

Mas na América Latina, mesmo fora das favelas, os Salesianos realizam em muitíssimas cidades e centros obras de verdadeira redenção humana, social e cristã: em Bogotá, Medellín, Manágua, Belo Horizonte, Panamá, Quito, La Paz...

Tive ocasião de visitar várias dessas obras, popularíssimas, onde inúmeros pobres meninos, com ação de paciente e constante caridade são afastados do ócio, do vício, da exploração que os estraga de mil maneiras, para transformá-los em honestos cidadãos e cristãos aprendizes, trabalhadores, operários, que os mesmos Salesianos encaminham e ajudam a se inserir em postos de trabalho.

De obras como essas, vistas — é natural — com grande simpatia pelas autoridades, população, entidades, encontrei,

como disse, um bom número. Mas de muitas outras só tive a satisfação de ouvir falar.

Uma obra, porém, — verdadeiramente se trata de um conjunto de obras, associadas segundo critérios pedagógicos particulares — desejo nomear, por assim dizer, na ordem do dia: é a “Ciudadela de los niños” de Bogotá na Colômbia. (Direi, entre parênteses, que essa obra de recuperação moral e social de meninos é só uma das muitas de que aquela Inspetoria com justiça se ufana).

Nesta “Cidade de meninos” pude ver em ação antes de tudo os nossos confrades: ação pensada metodológica e pedagogicamente, em perfeita sintonia com a linha educativa salesiana. É ação ousada e delicadíssima, voltada à recuperação de centenas e centenas de “gamines” (moleques), filhos de ninguém, por isso sem família, nem casa, nem instrução: meninos que vivem nem mais nem menos que na rua e da rua, entregues ao furto, vítimas da droga, da prostituição, numa palavra, pobres criaturas no sentido mais verdadeiro e triste da palavra, queimados pelas experiências mais incríveis.

Os Salesianos na calada da noite vão pelas ruas onde se desenrola a esqualida vida desses pobres coitados: convidam-nos, com as atenções carinhosas próprias do estilo de Dom Bosco, a que os acompanhem a uma casa que está toda organizada para a recuperação do menino da rua. Não se trata, de fato, do internato tradicional: nela o menino acha comida, asseio, médico (muitas vezes têm graves doenças infectivas), e especialmente imenso carinho e serenidade por parte dos Salesianos e seus colaboradores (há também Irmãs que fazem um trabalho precioso). O menino tem liberdade para ficar ou não. Pude realmente ver com grande comção vários dos que haviam chegado nos últimos dias pedindo-me alcançasse para si a aceitação definitiva na casa... do sol.

Esses meninos, à medida em que se vão recuperando, passam gradualmente para outras instituições, sempre regidas com os mesmos critérios, até que já adolescentes, entre dezoito e vinte anos, qualificados profissional, humana e cristãmente, estão em condições de serem inseridos com dig-

nidade na sociedade de que haviam saído marginalizados e para a qual eram elementos da desordem e subversão.

Mas antes de atingir essa meta, quanto trabalho, quanta paciência, e especialmente — são os confrades que dizem — quanta caridade cristã e salesiana, quanta assistência sacrificada e ao mesmo tempo amável, para lhes conquistar o coração, ferido e muitas vezes infeto.

### **Com oração e método salesiano**

Duas reflexões brotam espontâneas dessas comoventes documentações. Graças a Deus, a Congregação tem grande número de obras e atividades onde os Salesianos, em forma e grau diverso, se ocupam mesmo a custo de não comuns sacrifícios, dos meninos pobres, necessitados e de verdade abandonados pela família (que na prática não existe) e pela mesma sociedade.

É ação essa que precisa de almas generosas, cheias de poderosa carga de caridade e fé. Sentem, de fato, a necessidade insubstituível, para animar e vitalizar a própria ação tão dura e difícil, do contato com Deus, da oração pessoal e do grupo.

Sem a verdadeira oração, dizem, não encontraríamos a força para realizar esse trabalho e a eficácia no desempenhá-lo. Tratar com esses caros filhos e conquistar-lhes o coração não pode ser obra somente de pedagogos ou psicólogos, experimentados que sejam, mas é empresa de apóstolos e missionários autênticos, que sentem com o amor de Deus o amor das almas.

Enfim — é a palavra que me repetiram tantas vezes esses confrades — o método de Dom Bosco encarnado especialmente no carinho e na assistência, feita de presença continuada, amiga e inteligente entre os meninos, é a chave indispensável para abrir e conquistar os corações desses pobres meninos, que, apesar de maltrapilhos e precocemente corrompidos não são insensíveis ao amor que se lhe demonstra, como queria Dom Bosco.

Diante dessas constatações nós nos confirmamos na convicção de que o método educativo de Dom Bosco, conheci-

do nos seus valores e especialmente praticado e transformado em vida atuante, não está em nada superado. Talvez sejamos nós que precisamos de redescobri-los estudando-o seriamente e, mais ainda, vivendo-o com caridade pastoral, que é a alma da educação verdadeiramente salesiana.

Também fora desses ambientes “difíceis”, exatamente a pedagogia moderna, embora com palavras, terminologia e perspectivas diferentes, propõe métodos, instrumentos, modos que — sem nenhum esforço — vemos que são não só propostos, mas largamente e com êxito praticados na obra educativa de Dom Bosco.

Não pretendo aprofundar agora esse ponto; mas quanto estou dizendo com bom conhecimento de causa, parece-me deva servir como aviso para valorizar, em nosso trabalho com os meninos, a contribuição do conteúdo vital da pedagogia que Dom Bosco nos deixou, pedagogia que se não está revestida de paludamento científico, tem, não obstante, a aprovação bem documentada de ontem e de hoje.

### **Sejamos construtores de comunhão**

Vamos concluir. Nessa viagem à América Latina, encontrando-me com numerosos grupos de salesianos, das várias Inspetorias, não deixei de inculcar e insistir num conselho, do qual sinto e vejo a atualidade e importância. Creio que valha para todos. A recomendação diz respeito à unidade. Na carta sobre este tema, tratei-o sob outro ponto de vista. Nesta pretendo convidar a todos para que sejam nas comunidades tanto inspetoriais como locais, construtores de unidade e de comunhão.

A vida, a que é plena de fecunda, exige unidade e comunhão. Como é então importante que, amando a Congregação e querendo que viva de vida serena não menos que fecunda, envidemos todos os esforços, sacrifícios mesmo pessoais para construir dia por dia essa comunhão vital em nossas comunidades!

Tudo o que fomenta tensões, frieza, suspeitas, pior ainda conflitos, choques, prejudica certamente a unidade que a

fundo anelamos, da qual sentimos insubstituível necessidade e cuja ausência faz sofrer as almas de que somos responsáveis. E quem é que tem a coragem de assumir na comunidade o papel de “semeador de cismas e discórdias”?

Mas unidade não há senão a preço de “boa vontade”: a vontade sincera que se traduz em ato, quer evitando quanto pode de qualquer modo comprometer a unidade, quer fazendo de nós mesmos os promotores e construtores da unidade.

A vontade que, por assim dizer, lança as pontes que servem para aproximar, a compreender-nos, a compadecer-nos a compadecer-nos uns dos outros, apesar dos nossos defeitos, e das idades e idéias diferentes. Precisamos em suma de todo esforço sincero para realizar o “vivere in unum”, feito de fé e de caridade cristã e salesiana, que tantas vezes Dom Bosco nos relembra e que é o objeto da grande oração testamental de Cristo: “ut unum sint”.

Lembre-mos do artigo 61 das Constituições renovadas que a propósito da celebração eucarística, ato central de toda comunidade cristã, assim se exprime: “A Comunidade Salesianasiana celebra em plenitude o mistério pascal e comunga o Corpo de Cristo imolado, para n’Ele reconstruir-se como comunhão fraterna”.

Caríssimos, a fé com que celebramos o mistério eucarístico e a caridade de que a Eucaristia é rica fonte, transformem-nos em obreiros cheios de boa vontade e eficazes de comunhão nas comunidades em que nos achamos inseridos.

Seremos beneméritos da nossa Congregação.

A todos e a cada um de vós tudo de bom em Nosso Senhor.

E uma prece por mim.

P. LUÍS RÍCCERI  
*Reitor-Mor*

### III. COMUNICAÇÕES

---

#### 1. As Missões pedem pessoal

Os Atos do Conselho Superior, no último fascículo (n.º 274), traziam nesta secção uma iniciativa do Conselheiro para as Missões. Com uma carta enviada aos Bispos e Inspectores das Missões salesianas, o padre Tohill havia-lhes pedido que compilhassem um elenco das urgentes necessidades de pessoal missionário.

A primeira metade do extenso elenco feito, já foi publicada no fascículo n.º 274 dos Atos; publica-se agora a outra parte.

#### ELENCO DAS MISSÕES QUE PEDEM PESSOAL (2.ª parte)

##### a) *Pedidos que chegaram da África*

Do GABÃO são pedidos:

— *técnicos e programadores* para a rádio e tv católica de Libreville.

De MOÇAMBIQUE são pedidos:

— *Salesianos* missionários para os centros juvenis.

##### b) *Pedidos chegados da América*

Da ARGENTINA, a Inspeção de *Bahia Blanca* pede:

— *irmãos* para um trabalho em zonas de quase-missão;

— *salesianos* preparados para a catequese;

— *salesianos* para zonas de imigrantes de língua alemã.

A Inspeção de *Buenos Aires* pede:

— *salesianos* para a Patagônia Austral, zonas missionárias;

— *um coadjutor* para a escola agrária.

A Inspeção de *Rosário* pede:

- *salesianos* em ajuda às paróquias;
- *salesianos* para obras de periferia.

A Inspeção de *La Plata* pede:

- *salesianos* em ajuda a paróquias;
- *salesianos* para obras de periferia;
- *irmãos* para os imigrantes de língua alemã.

No BRASIL, a Inspeção de *Mato Grosso* pede:

- um grupo de *três* ou *quatro sacerdotes* com *alguns coadjutores* interessados diretamente na pastoral (para uma experiência piloto no campo da evangelização entre os colonos de Barra do Garça, de Poxoréu, de Xavantina, etc);
- um ou mais *carpinteiros* que ensinem aos jovens este ofício;
- um ou dois *mecânicos* para a manutenção mecânica e para ensinar aos índios este ofício;
- *sacerdotes ou professores* para lecionar sociologia, antropologia, psicologia, etnologia, filosofia.

A Inspeção de *Porto Alegre* pede:

- *três coadjutores* para a direção dos laboratórios de artes gráficas, marcenaria e mecânica de Porto Alegre, "Casa do Pequeno Operário"; de Viamão, "Novo Lar de Menores"; de Bagé, "Instituto São Pedro".

Do CHILE são pedidos:

- *dois peritos agrários*, dos quais pelo menos um especializado em zootecnia, para a Escola agrária de Las Mercedes (Terra do Fogo);
- *dois tipógrafos* (ou linotipistas ou técnicos em tipografia) encarregados da parte técnica da Editora e a supervisão das tipografias de Macul, La Graciosa, Concepción;
- *um sacerdote* qualificado para a formação permanente e para o centro de espiritualidade de Santiago-La Florida;
- *um perito em comunicação social* (imprensa, rádio, tv).

Do EQUADOR o *Vicariato de Méndez* pede:

- um *coadjutor* para a missão de Yaupi (criação e mecânica agrícola);
- um *coadjutor* para a missão de Chiguaza (ensino de marcenaria, para os jovens que seguem aí os três cursos da escola interna;
- um *sacerdote* ou um *coadjutor* para a Federação Chuar de Sycua (programador e dirigente da Rádio da Federação);
- um *coadjutor* hábil em marcenaria para a missão de Sevilla Dom Bosco;
- um *sacerdote* missionário itinerante para a missão de Limon.

Da REPÚBLICA DOMINICANA pedem:

- um *professor de química* para a escola agrícola de La Vega;
- um *professor de química, física, matemática* para a escola liceal Dom Bosco de Santo Domingo;
- um *professor de química* para o Aspirantado de Jarabacos;
- *sacerdotes e coadjutores* que desejam trabalhar em atividades paroquiais e oratorianas.

Da VENEZUELA, a Inspetoria pede:

- um *formador* que seja também professor de filosofia, para o Estudantado Filosófico, pelo menos para dois anos;
- *um ou mais salesianos* para trabalhar de lavoura, em obras a favor dos jovens do campo;
- *um salesiano técnico* para cada uma destas especialidades: eletrônica, eletricidade, litografia;
- *um perito em contabilidade* e administração a serviço do Economato.

Missão de *Puerto Ayacucho* pede:

- *sacerdotes* missionários;
- *um mecânico* para a manutenção das máquinas da missão.

c) *Pedidos vindos da Ásia*

De BHUTAN são pedidos:

- *chefes de oficina*, especializados em mecânica e eletromecânica.

Das FILIPINAS são pedidos:

- *chefes de oficina* para os laboratórios de mecânica, eletrônica e tipografia.

Do JAPÃO são pedidos:

- *irmãos jovens* para as escolas, as paróquias e as missões.

Do TIMOR são pedidos:

- *salesianos missionários*;
- *salesianos técnicos agrários*.

## 2. O Encontro mundial dos Salesianos Coadjutores

Faltando um pouco mais que um ano para o ENCONTRO MUNDIAL DO SALESIANO COADJUTOR (que se celebrará entre 31 de agosto e 16 de setembro de 1975) prosseguem no mundo salesiano os trabalhos preparatórios, com um ritmo que se torna cada vez mais intenso.

AS ATAS DOS ENCONTROS INSPETORIAIS. Durante o mês de abril concluiu-se a fase dos encontros Inspetoriais; nos próximos meses vão realizar-se os Encontros regionais. As Comissões Inspetoriais estão ultimando agora a redação das "Atas dos Encontros Regionais", e muitos já os enviaram à própria Comissão Regional e à Comissão Central. Algumas dessas Atas já chegadas constam de poucas páginas, outras são grossos volumes; todas são fruto de evidente empenho e de dedicação meritória.

As Comissões Inspetoriais que ainda não tenham acabado o seu trabalho, são instadas a que o apressem, porque as atas são indispensáveis, quer para a Comissão Central, e quer, em caráter de urgência, para as Comissões Regionais, as quais, para preparar o seu iminente Encontro devem fazer sobre elas um trabalho sistemático de fichário e de confronto dos vários argumentos.

Essas atas não devem ficar no esquecimento; mas têm a finalidade precisa de fornecer o material de base sobre o qual as Comissões Regionais preparam uma "síntese" que, colocada nas mãos dos delegados eleitos, lhes há de permitir levar uma séria preparação nos próximos Encontros Regionais.

I OS ENCONTROS REGIONAIS desenvolver-se-ão de julho a setembro de 1974, e — como já foi comunicado no último fascículo dos Atos do Conselho — serão dezesseis. Haverá no interno de alguma Região muito vasta, ou com grande diversidade de línguas, mais Encontros Inter-inspetoriais. Também as modalidades com que os Encontros se realizarão vão diferir segundo as características e exigências dos vários grupos:

Escopo imediato desses Encontros em nível intermédio é naturalmente a preparação do Encontro Mundial. Para esse fim eles procederão ao estudo de "temas oficiais" já antecedentes submetidos (cfr. Atos do Conselho Superior n.º 274, pág. 46, temas esses que serão aprofundados em cada Região seguindo a angulosidade sugerida pelo próprio contexto local.

O ENCONTRO MUNDIAL. Entretanto a Comissão Central trabalha também para preparar o empenhativo encontro de 1975. Está-se completando o elenco dos Relatores que naquela ocasião devem tratar dos "temas oficiais", e que têm necessidade de tempo para aprofundar adequadamente os argumentos, à luz das contribuições chegadas de toda a Congregação.

Está previsto para o próximo mês de outubro uma reunião desses Relatores com a Comissão Central para definirem juntos o âmbito e as modalidades de redação de cada tema.

Esse Encontro Mundial sobre a figura do Salesiano Coadjutor é sentido por muitos como problema deveras vital da Congregação, e por isso nas várias reuniões que houve até agora em vários níveis foi sempre dado amplo espaço à oração, a fim de procurar sobretudo no momento litúrgico a assistência do Espírito Santo de quem depende qualquer êxito humano.

### 3. Os Bispos Salesianos

O Cardeal ESTEVÃO TROCHTA, Bispo de Litomerice, na Checoslováquia, faleceu no dia seis de abril passado. Uma rica e ampla carta mor-

tuária do Reitor-Mor foi enviada nesses dias para todas as Casas salesianas.

Faleceu também Dom MAURÍCIO MAGLIANO, desde 1961 Bispo de Río Gallegos (Argentina).

Dom TOMÁS GONZÁLES é o Bispo de Punta Arenas (Chile), e sucede nessa diocese austral ao saudoso Dom Boric.

#### 4. Nomeações

O Santo Padre nomeou Sub-secretário do "Secretariado dos Não Crentes" o Padre salesiano JOÃO BOSCO SHIRIEDA, japonês, já Diretor do Estudantado salesiano de Tóquio.

#### 5. O Novo Presidente Confederal dos Ex-Alunos Salesianos

O Reitor-Mor no último mês de abril passado nomeou o novo Presidente Confederal dos Ex-Alunos salesianos, na pessoa do Dr. José M. González Torres, mexicano.

O novo Presidente é Prof. universitário da Fac. de Direito na Cidade do México; já foi presidente da Ação Católica mexicana e da Pax Romana, no ano passado tinha preparado o IV Congresso dos Ex-Alunos Latino-Americanos; é casado e tem sete filhos.

O Dr. González Torres sucede no cargo ao Dr. Taboada Lago, espanhol; é o sexto Presidente confederal (o primeiro escolhido fora da Europa) e ficará no cargo por seis anos.

#### 6. Solidariedade Fraterna (décima terceira relação)

##### a) INSPETORIAS DAS QUAIS VIERAM OFERTAS

##### ITÁLIA

Adriática	Liras	40.000
Central		262.000
Lombarda		186.500
Subalpina		3.250.060
Vêneta São Marcos		810.000
Casa Generalícia		250.000

EUROPA

N.N.	25.000
Bélgica Sul	154.360
Espanha, Bilbao	1.475.000
Espanha, León	787.500

AMÉRICA

Argentina, Córdoba	1.000.000
Equador	798.000
Venezuela	7.000.000
N.N.	100.000

*Total das quantias vindas entre 7 de março e 9 de julho de 1974* 16.138.420

*Saldo em caixa (precedente)* 388.064

*Quantia disponível em 9 de junho de 1974* 16.526.484

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

EUROPA

Subsídio para o curso de Mestres de Noviços	Liras 223.000
Irlanda, Dublin: para apetrechamento do Centro Juvenil	500.000
Polónia, Cracóvia: para subsídios catequéticos	1.000.000
Polónia, Lodz: para subsídios catequéticos	1.000.000

ÁSIA

Coréia: bolsa para estudos eclesiásticos a um irmão sacerdote	1.000.000 500.000
Índia, Madrasta: para o noviciado de Yercaud	500.000
Índia, Madrasta: para uma capela em Sholur-mattam	1.000.000
Índia, Gauhati: para o noviciado de Shillong	500.000
Tailândia: bolsa de estudo para um irmão sacerdote	1.000.000

ÁFRICA

Etiópia: a Dom Worku, Adigrat	436.695
Para as zonas atingidas pela seca:	
— aos Padres Brancos	500.000
— aos Padres da Consolata	500.000
— aos Padres da Congregação do Espírito Santo	500.000
— aos Padres Capuchinhos	500.000

AMÉRICA

Brasil, Prelatura de Porto Velho: para apetrechar uma sala de catequética	1.000.000
Brasil, Mato Grosso: para a Cidade Dom Bosco, Corumbá	500.000
Brasil, Porto Alegre: para a construção de uma igreja em São Pedro,, em zona pobre, Bagé	1.000.000
Brasil, São Paulo: bolsa de estudo em missiologia a um irmão sacerdote	1.500.000
Peru: bolsa de estudo a um clérigo teólogo na Europa	1.000.000
Uruguai: bolsa de estudo a um irmão sacerdote	1.000.000
<i>Total das importâncias dadas entre 7 de março e 9 de julho de 1974</i>	15.159.695

*Saldo em caixa* 1.366.789

*Total de Liras* 16.526.484

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

*Quantias recebidas em 9 de junho de 1974* 255.132.658

*Quantias distribuídas* 253.765.869

*Saldo em caixa, Liras* 1.366.789

## IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

---

O calendário do Conselho Superior marcava da metade de março ao fim de junho de 1974 o período das visitas às Regiões, e com efeito multiplicaram-se, nesse período, as visitas, reuniões, e encontros de toda espécie.

O Reitor-Mor fez duas viagens, outros seis Superiores do Conselho atravessaram o oceano, muitos Inspetores e irmãos dirigiram-se aos vários pontos de encontro e vieram a Roma para relatar, expor problemas e buscar juntos a solução no espírito de Dom Bosco e da renovação pós-conciliar.

Eis uma rápida visão panorâmica.

### 1. As viagens do Reitor-Mor

Para dar o merecido destaque ao 75.º aniversário da obra salesiana em Baracaldo (Bilbao, Espanha), o P. Ricceri lá esteve em março passado, visitando também, entre os dias 27 e 31, quase todas as casas dessa Inspeção. O Reitor-Mor, recebido com grande cordialidade, congratulou-se com os irmãos (pertencentes a uma das Inspeções mais jovens da Congregação) pelo número sempre elevado de vocações, fruto — como disse — de “uma comunidade que reza, que se quer bem, que trabalha, que é austera”.

Mais longa e empenhativa a visita do Reitor-Mor à América Latina, de 17 de abril a 18 de maio, realizada em oito Países (Equador, Peru, Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela). Os momentos principais dessa viagem já foram descritos pelo próprio Reitor-Mor em sua “carta”.

### 2. Os encontros dos Superiores com os Inspetores das Regiões

Tais encontros, típicos desse período (caem de fato na metade do sexênio, entre o último Capítulo Geral e o próximo), têm como se sabe o escopo de avaliar a atuação nas diversas Regiões das deliberações tomadas em 1971.

Nos últimos meses realizaram-se três desses encontros: o primeiro, como já se observou, em Buenos Aires para a Região Atlântica da América Latina; o segundo e o terceiro em Roma para a Região Ibérica e a Região Itália-Oriente Médio. Duram na média uma semana, e seguem um esquema já aprovado: um dia de retiro e reflexão, uma conferência do Reitor-Mor sobre os encargos do Inspetor; os relatórios dos Inspetores; e encontros com cada Conselheiro de dicastério.

Em Buenos Aires o dia de retiro foi pregado pelo Arcebispo de Santa Fé, Dom Vicente Zazpe. Tomaram parte no encontro — bem organizado pelo Regional P. João Vecchi — além dos Inspetores, um delegado para cada Inspetoria. Entre outras coisas determinou-se o programa para o Centenário das Missões Salesianas, que tiveram seu início na Argentina.

Os Inspetores da região Ibérica — reunidos com o P. Antônio Médida deram particular atenção aos problemas da formação dos irmãos, tanto a inicial como a permanente; ao redimensionamento das obras, e à contribuição concreta ((de meios e homens) que a Região pretende oferecer para o Centenário das Missões.

Os Inspetores da Itália e do Oriente Médio — reunidos com o P. Luís Fiora — programaram várias iniciativas para a formação dos irmãos para as atividades pastorais da missão salesiana. Deram particular atenção à promoção de encontros e atividades respeitantes à pastoral juvenil.

Na vasta Região do P. Jorge Williams, os Inspetores por causa das distâncias devem reunir-se em três grupos. No mês de fevereiro passado encontraram-se em Roma os das "Inspetorias Ocidentais"; em outubro reunir-se-ão em Hong Kong os do Extremo Oriente e mais tarde os da Índia.

### **3. Outros encontros dos Superiores do Conselho**

Particular significação teve a presença do Vigário CAETANO SCRIVO, como representante do Reitor-Mor, em Oswiecim, no dia 5 de maio passado, às celebrações comemorativas do 75.º aniversário da Obra salesiana na Polónia. Estavam presentes à solenidade dois cardeais (o Primaz de Varsóvia e o Metropolita de Cracóvia), e o Arcebispo salesiano Dom Baraniak. Com o P. Scrivo achavam-se ainda o Ecônomo geral P. Pilla, o Regional P. Ter Schure e o Delegado para a Polónia P. Rokita. Os mil Salesianos das duas Inspetorias polonesas,

tão beneméritos na Congregação e na Igreja, mereciam esse ato de estima e encorajamento.

O P. VIGANÒ, o P. DHO e o P. RAINERI, terminadas as reuniões de Buenos Aires, realizaram uma série densíssima de encontros com os irmãos das várias Inspetorias sul-americanas. Tais irmãos, em geral responsáveis por determinados setores da atividade salesiana, reuniam-se na maior parte das vezes nos centros inspetoriais, e podiam encontrar-se com os três Conselheiros superiores em dias sucessivos, tratando com eles dos problemas do setor.

O P. Vigário por exemplo encontrou-se com diretores, formadores e jovens Salesianos em Buenos Aires, Fortin Mercedes, Rosário, Córdoba, Montevidéu, Porto Alegre, na Inspetoria de Belo Horizonte, Manaus, Caracas. E no estudantado teológico de Guatemala realizou uma semana de estudo.

O P. Dho além do encontro com os diretores de todas as Inspetorias argentinas e de outros grupos de irmãos do Uruguai, Paraguai e Brasil, encontrou-se durante dias com os encarregados inspetoriais da Pastoral Juvenil da Argentina, e os Diretores dos aspirantados da Argentina e do Brasil.

Por sua parte o P. Raineri encontrou-se com diretores, párocos encarregados da comunicação social, dos Cooperadores, dos Ex-alunos; reuniu as presidências nacionais dos Ex-alunos do Brasil, Uruguai; falou a irmãos em formação, e a grupos de Filhas de Maria Auxiliadora.

Para tomar parte nesses encontros, em países tão vastos, muitos irmãos enfrentaram longas e até longuíssimas viagens, realizadas muitas vezes de noite em ônibus, por centenas de quilômetros, e fizeram-no de boa vontade, com empenho e com o mais vivo interesse. Basta isso para dizer do desejo real de diálogo e de renovação que existe hoje na Congregação.

O conselheiro para as Missões P. BERNARDO TOHILL empreendeu no mesmo tempo diversas viagens para entrar em contacto com os centros de animação missionária. Encontrou-se com os Salesianos da Procuradoria Missionária de Madri. Em Londres visitou várias agências missionárias, mesmo não católicas, para troca de informação e ajuda mútua. Na Polónia encontrou-se com os irmãos em formação nos estudantados e noviciados, informando-os da atividade missionária da Congregação.

O Ecônomo geral P. RUGGIERO PILLA, após a visita à Polónia, foi a Lisboa, e de 27 a 29 de maio presidiu o “Encontro dos Ecônomos inspetoriais” da Península Ibérica. Estudou-se a figura do Ecônomo inspetorial salesiano, e sua atividade com relação à Inspeção, às Casas e ao Conselho Superior.

#### 4. Outras atividades da Direção Geral

Entretanto a Casa Geral continuou em sua atividade normal. No âmbito do *Dicastério para a Formação* realizou-se no Salesianum o segundo “Curso quadrimestral de formação permanente”, dedicado em particular a irmãos latino-americanos; realizou-se ainda um breve “encontro de pregadores e animadores dos exercícios espirituais” da Itália, prelúdio de um encontro internacional; prossegue também a preparação do “Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores”.

O *Dicastério da Pastoral dos Adultos* apresentou ao Conselho Superior o novo “Regulamento dos Cooperadores salesianos”, que foi aprovado. O texto, em língua italiana, já foi traduzido e difundido na Espanha, Argentina e Brasil (outras traduções estão em andamento). Em junho o P. Raineri reuniu em Roma a Junta Confederal dos Ex-alunos.

No setor da comunicação social concluiu-se a pesquisa sobre as Editoras Salesianas; os resultados e orientações que dela provieram foram levados ao conhecimento das pessoas interessadas.

#### 5. Os programas dos próximos meses

No período de julho a setembro, com a volta dos Regionais agora em visita às Inspetorias, os Salesianos do Conselho reconstituirão o plenário, e nas reuniões previstas farão o balanço das visitas realizadas nos meses anteriores.

No *Dicastério para a Pastoral Juvenil* estão previstos alguns encontros com o P. Dho: ainda em junho, com os diretores dos aspirantados da Espanha, e em setembro com os da Itália; durante o mês de agosto o P. Dho estará em Lima (Peru) para um curso de pastoral juvenil para os delegados da América Latina.

No *Dicastério da Pastoral dos Adultos* o P. Raineri estará presente em Friburgo ao 5.º “Colóquio sobre a vida salesiana”, que terá por tema a figura do Cooperador salesiano. Acha-se em preparação um “Diretório para os Cooperadores”.

## V. DOCUMENTOS

---

### **Concurso para o cartaz do Centenário das Missões Salesianas**

Por ocasião da celebração do "Centenário das Missões Salesianas", as Direções Gerais dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora promoveram um concurso internacional para o Cartaz oficial comemorativo do Centenário, e confiaram sua realização aos respectivos "Departamentos para a Comunicação Social".

Eis o Regulamento do concurso, apresentado no mês de abril último, pelos referidos Departamentos.

**FINALIDADE.** O Cartaz destina-se a promover uma reflexão sobre a realidade atual das Missões Salesianas no mundo.

Exprime de maneira figurativa os valores humano-cristãos da obra missionária, cujo centenário de atividade evangelizadora e social anuncia e celebra.

**PARTICIPAÇÃO.** A participação ao Concurso é aberta aos Artistas, de qualquer parte do mundo, que desejam homenagear Dom Bosco e seus missionários.

**FASES DO CONCURSO.** O Concurso está organizado em duas fases: inspetorial e internacional.

#### **FASE INSPETORIAL (facultativa).**

1) Em cada Inspeção a fase do Concurso é confiada ao Inspetor SDB e à Inspetora FMA.

2) Em cada Inspeção constitui-se uma "Comissão organizadora inspetorial" que estabelece as modalidades de atuação dessa fase, nomeia o Juri, composto de Personalidades e de Especialistas, e promove a exposição dos trabalhos.

3) O Juri, examinados os trabalhos, proclama os vencedores e confere eventuais prêmios postos à disposição pela Comissão Inspeção.

O Trabalho classificado em primeiro lugar entra na "fase internacional".

4) A “fase inspetorial” encerra-se a 31 de dezembro de 1974. O trabalho que vai para a fase internacional deve ser enviado a Roma até 31 de janeiro de 1975 (o selo postal será o comprovante).

#### FASE INTERNACIONAL

1) A “fase internacional” está aos cuidados de uma Comissão organizadora designada pelas Direções Gerais SDB e FMA.

2) A Comissão nomeia um Juri internacional, composto de Personalidades e de Especialistas, promove a exposição dos trabalhos apresentados pelas Inspetorias e as operações relativas à fase conclusiva do Concurso.

3) Todos os trabalhos admitidos à fase internacional serão expostos por ocasião da Exposição comemorativa do Centenário das Missões Salesianas que se realizará em Roma em 1976.

4) O Juri internacional examinará os trabalhos no dia 31 de março de 1975; proclamará os vencedores e entregará os prêmios.

5) O Trabalho classificado em primeiro lugar será estampado como Cartaz Oficial do Centenário das Missões Salesianas.

#### PRÊMIOS DA “FASE INTERNACIONAL”

1) Aos Autores dos Trabalhos classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar na “fase internacional” será oferecida uma viagem de ida e volta a Roma, e uma semana de permanência durante as Celebrações oficiais do Centenário.

2) Outros prêmios particulares serão conferidos conforme as ofertas que chegarem à Comissão.

#### NORMAS TÉCNICAS PARA A PARTICIPAÇÃO

1) *Dimensões.* O Cartaz pode ser executado na dimensão máxima de 70 cm de base x 100 cm de altura. Aceitam-se também trabalhos de dimensões menores, contanto que a relação base por altura corresponda às medidas máximas indicadas (por exemplo: 35 x 50 cm).

2) *Sigla e Autor.* Cada Trabalho trará na parte posterior um mote de duas palavras. Em envelope fechado, à parte, estará o mote e o Sobrenome, Nome, idade e endereço completo do Autor.

3) *Textos a serem inseridos no Cartaz.* No Cartaz coloca-se o título oficial da Comemoração: Centenário das Missões Salesianas. O título pode ser colocado no interior da figura ou fora dela (em baixo, por exemplo).

No Cartaz pode-se inserir um *slogan*, de livre escolha do Autor do Cartaz, que exprime a tensão dinâmica e apostólica das Missões Salesianas, o empenho de Dom Bosco e dos seus na missão libertadora e criadora de comunhão entre os povos na luz do Evangelho, etc.

4) *Título e slogan.* Podem ser em qualquer língua.

#### DESTINO DOS TRABALHOS QUE PARTICIPAM DO CONCURSO

Todos os trabalhos aceitos para a fase internacional consideram-se oferecidos em benefício das Missões. Com o oferecimento do trabalho entende-se também a autorização para a eventual reprodução estampada.

## VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

---

### 1. Insp. de León. Ato de fé na Missão Salesiana

Os Salesianos de Medina del Campo compilaram uma síntese de princípios doutrinários contidos nas nossas Constituições (do Noticiário da Insp. de Madrid, maio de 1974, pág. 9).

*Creio que a Família Salesiana  
é fruto da iniciativa de Deus,  
que Jesus é a minha regra vivente,  
e o Espírito Santo é luz e força  
que me conduz em Cristo ao Pai.*

*Creio que Maria é a fundadora e guia da nossa família;  
que Deus e a Igreja me deram em Dom Bosco  
um modelo concreto, com o seu estilo de vida e de ação.*

*Creio que Deus me chama:  
com uma consagração religiosa e apostólica juntamente,  
que me situa no coração da Igreja e ao seu serviço,  
para seguir Cristo de perto,  
com uma vida intensamente evangélica.*

*Creio que viver e trabalhar em comunhão  
é exigência fundamental da vocação salesiana:  
unido ao superior que representa Cristo,  
e unido aos seus no serviço ao Pai.*

*Creio que minha missão é ser sinal e portador  
do amor de Deus aos jovens;  
que é uma exigência fundamental o estar com eles,  
imitando Dom Bosco no trabalho assíduo e sacrificado  
e no contínuo esforço de renovação;  
vivendo como ele, contemplativo na ação,  
e pondo como base da minha esperança  
a presença ativa do Espírito Santo.*

*Amém.*

## 2. Insp. Meridional — Depois do encontro sobre a Família Salesiana

Nos dias 17-18 de março, passado a Inspetoria teve em Castellammare um “Encontro de estudo sobre a Família Salesiana”, estando presentes os representantes de todos os seus “ramos”. Eis, no encerramento, alguns juízos dos participantes (NI de Abril de 1974, pág. 30-32).

*Um Salesiano* — A cordialidade fraterna manifestada nos momentos de oração e de vida comunitária, o interesse com que foram seguidas as palavras dos expositores, quer as relações dos vários grupos, a ausência de qualquer espírito polémico, e sobretudo a oração conclusiva dialogada, parecem demonstrar que a Família Salesiana, a nova realidade descoberta pelo CGE, está iniciando na nossa Inspetoria o seu caminho para a plena realização do projeto de Dom Bosco.

*Um Jovem Cooperador* — Esta experiência de vida de conjunto fez-me sentir mais “salesiano”, isto é, mais vivamente inserido na inteira Família Salesiana. Tornei-me consciente da comum origem da idêntica missão dos vários grupos, para realizar uma ação mais concorde, e também mais eficaz, nos destinatários da mesma missão. Acho justa por isso a exigência de uma troca de “mentalidade”, para pôr abaixo certas “paliçadas” e abolir certos “compartimentos estanques”.

*Um Cooperador* — Outras vezes encontramos-nos, mas com vários já nos conhecíamos antes. Desta vez, porém, tivemos a possibilidade de entretermo-nos, em diálogo franco e sereno, e trocamos entre nós os nossos pontos de vista. Conhecemo-nos não apenas em nível de pessoa, mas ainda, e sobretudo, em nível de empenho apostólico de grupo. E saímos com novas idéias.

*Uma Voluntária de Dom Bosco* — A cordialidade, o espírito de família e a troca de idéias tornaram este encontro deveras rico e construtivo. Há um só desgosto: foi demasiado breve, e tivemos que separar-nos depois de termos tão bem conhecidos.

*Uma ex-aluna* — Uma experiência viva da Família Salesiana, que finalmente se encontra junto, e vê os problemas não só em nível de sentimento mas como empenho, para resolvê-los em modo comunitário.

*Uma Filha de Maria Auxiliadora* — O projeto é claro, e as perspectivas são maravilhosas. É preciso tomar conhecimento disso em todos os níveis, e passar logo para a ação.

### 3. Inspeção Boliviana — “Apostolado Cinematográfico”

*Um teatro em La Paz há seis anos que desenvolve intensa atividade formativa nesse setor ainda pouco explorado na Bolívia em plano pastoral. Escreve sobre isso o padre Renzo Cotta numa carta enviada para a Itália (Noticiário da Inspeção Lombardo-Emiliana, abril de 1974, pág. 12).*

Em La Paz desenvolve-se uma forma moderna de atividade salesiana que poderia chamar-se “apostolado cinematográfico”. Há seis anos que o Instituto salesiano acabava a laboriosa construção de um cine-teatro com 960 lugares, realizado lentamente, tijolo sobre tijolo. A sala, que se apresenta com suficiente elegância, mas dentro dos limites da sobriedade, agradou a muitos: aos 1800 alunos do Instituto, e também ao povo, e às autoridades, que pedem servir-se dela, provisoriamente, para a orquestra sinfônica nacional. Esse fato, obrigou os Salesianos a uma reflexão: por que não ir ao encontro das grandes necessidades locais de ambientes públicos? E com a experiência adquirida no campo cinematográfico de um irmão, pensou-se usar a sala em sentido apostólico.

Abriu-se o salão como cinema público de primeira visão, com projeções cristãmente qualificadas, que constituíam um fato não comercial mas cultural. Nesses seis anos tal finalidade foi mantida, e acrescentaram-se mais e mais variados serviços de grande interesse: comentário crítico oferecido a todo o público, projeções especiais para os sócios de vários clubes, biblioteca especializada no setor, uma coleção de livros de algibeira sobre o cinema, um prêmio anual à melhor fita projetada na Bolívia.

Essas atividades, desenvolvidas em coligação com o Departamento católico nacional do cinema, estão-se agora estendendo às obras salesianas de outras cidades. Multiplicam-se os cine-clubes, sobretudo para os jovens, os quais encontram a ocasião de dar vida a grupos de verdadeiros amigos animados de inquietudes cristãs. Há também cursos de formação cinematográfica, para jovens adultos e professores.

É esse um apostolado não muito difundido na América do Sul (e a iniciativa salesiana é quase única na Bolívia); um apostolado juvenil, porém, privilegiado. Passados já agora os tempos das fáceis proibições, hoje no campo cinematográfico não pode haver senão isto: preparar os jovens a compreender a linguagem fílmica, solicitar-lhes o sentido crítico, torná-los capazes de perceber os valores positivos, e defender-se dos fatores negativos.

#### 4. Inspetoria Australiana — Clérigos em linha com a Renovação

*Os oito clérigos da Inspetoria Australiana dizem como a sua atual condição seja de pleno acordo com as pesquisas dos últimos Capítulos gerais, como essas pesquisas sejam conforme às exigências dos jovens religiosos, e em substância como eles se sintam realizados (NI, outubro de 1973, pág. 1-2).*

O 19.º Capítulo geral pedia que os estudantes de teologia fizessem seus estudos em Institutos capazes de conferir graus acadêmicos; e nós, oito clérigos teólogos de Dakleigh, freqüentamos o seminário diocesano (secção da Universidade de Melbourne) que nos oferece essa possibilidade.

Além disso, o Capítulo pedia uma aproximação daquelas disciplinas literárias e científicas da cultura humana, ligadas com as ciências sagradas, que sejam idôneas para abrir a mente dos futuros apóstolos na compreensão dos problemas da nossa época; e nós empregamos parte do nosso tempo na freqüência das três universidades estaduais de Victória.

O Capítulo desejava ainda que os edifícios dos estudantados de teologia fossem simples e funcionais; e nós não temos problemas a respeito disso: os nossos edifícios são barracas de madeira, antes usadas pelo exército durante a guerra, depois adquiridas e para cá transportadas pelos Salesianos, e agora são a nossa residência esquisitamente funcional (apesar de alguns do clero local a chamarem de "canil").

Ainda o Capítulo pedia que as casas dos teólogos fossem colocadas em centros onde fossem possíveis experiências apostólicas variadas no aproveitamento; e nós quanto a isso achamo-nos maravilhosamente bem. Vários grupos juvenis de Pakenhan, Jordanville, Preston, Mildura, etc., fluíram da comodidade do nosso centro juvenil especialmente na linha da liturgia. A escola paroquial de Niddrie

aqui perto está intitulada a Dom Bosco (coisa rara na Austrália) e nós a temos “adotado”. Preparamos acampamentos para grupos de jovens. Todas as quintas-feiras de tarde damos instrução religiosa a estudantes católicos que freqüentam escolas não católicas. Os Cooperadores adquirem em Crossley, a beira mar, um velho albergue, fazendo um centro juvenil; e dois de nós clérigos, freqüentemente vamos lá para trabalhar com grupos juvenis. E ainda ajudamos em várias paróquias vizinhas nas funções litúrgicas...

##### **5. Inspeção Subalpina — Demasiados Padres... massagistas**

*Observações do Inspetor padre Mário Bava à margem da visita às Casas (Carta de março de 1974, pág. 2).*

Queridos irmãos, faço um exame de consciência sobre o que vejo visitando as casas, os oratórios, sobretudo! Há demasiados padres que ainda fazem o papel que é de pura competência dos leigos. Nos barezinhos (barzinhos) vejo padres que vendem bebidas, doces. Nos grupos esportivos vejo padres que fazem de treinadores, juizes, de... massagistas. Nas filodramáticas (teatro) vejo padres que fazem de sugeridores (ponto), que preparam cenas. Nas sacristias vejo padres que estão atrás de velinhas e lampadzinhas votivas. Louva-se a disponibilidade do padre salesiano, que não despreza nenhum serviço; mas não pode ser uma norma.

O padre faça de padre: evangelize, catequize, acolha a todos, fale, encoraje, escute, confesse, oriente, siga, assista, anime, prepare bem as conferências e lições, mas não mortifique o leigo e deixe que se insira com responsabilidade no seu lugar.

Quero lembrar o que diz o nosso CIE: Confiem-se essas atividades a colaboradores leigos, não só tecnicamente preparados e qualificados, mas também espiritualmente formados; evitar-se-á assim que as estruturas condicionem e absorvam quase de todo em todo a atividade mais estritamente sacerdotal” (art. 23).

##### **6. Inspeção Tailandesa — Noticiário Número 500**

*O noticiário “Inter Nos” da Inspeção Tailandesa saiu em abril passado com o fascículo número 500. Com os seus 34 anos de vida, é com toda a probabilidade o decano dos Noticiários Inspeccionais.*

O fascículo número 500 traz na abertura a carta com a qual o então Inspetor padre João Casetta, em data de 1 de agosto de 1940, apresentava "Inter Nos" aos irmãos; carta que contém acontecimentos válidos ainda hoje não menos que então:

"Convém que cada casa tenha um encarregado que envie a crônica das atividades dos irmãos; notícias interessantes recebidas de superiores, amigos; artigos de jornais; leis e disposições que podem interessar as nossas obras...".

....Longa vida ao decano dos Noticiários Inspetoriais, e aos seus sessenta "netos" espalhados hoje pelo mundo.

## VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

---

### **Convite para melhor escutar a palavra do Papa**

*Uma possibilidade para melhor escutar a palavra do Papa, é oferecida às nossas comunidades por "L'OSSERVATORE ROMANO — EDIÇÃO SEMANAL".*

*Este periódico não muito caro é publicado em cinco línguas, além do italiano (isto é, em francês, inglês, alemão, espanhol, português,) e traz semanalmente os discursos do Papa e os documentos mais importantes da Santa Sé que aparecem na edição quotidiana do mesmo "Osservatore Romano".*

*Dom Bosco hoje convidaria talvez todos os seus Filhos a fazer a assinatura desse jornal. Ele dizia: "A fé, para ser viva e frutuosa, deve sempre ser iluminada pelo Vigário de Cristo" (MB 9,228); e ainda: "A palavra do Papa deve ser a nossa regra em tudo e por tudo" (MB 6, 494).*

*"L'Osservatore Romano — Edição semanal", introduzido regularmente nas nossas bibliotecas e utilizado na leitura particular e comunitária, ajudará os salesianos a "sentire cum Ecclesia".*

*Muitas comunidades em diversas partes do mundo já fizeram a assinatura desse importante semanário; já faz alguns anos que diversos inspetores enviam regularmente as listas de suas casas ao Centro de Assinaturas; há diretores que presenteiam, com uma assinatura individual, os irmãos particularmente empenhados em atividades pastorais; há clérigos estudantes dos últimos anos de Teologia, os quais têm, para meditar e recordar, o seu "Osservatore Romano".*

*As assinaturas poderão ser feitas em alguma importante livraria católica (especialmente nas livrarias paulinas ou diretamente em "Amministrazione dell'Osservatore Romano" — 00120 — Città del Vaticano — Itália".*

*A administração do Osservatore Romano, como se sabe, é entregue, pela Santa Sé, a Irmãos nossos. (Preços aproximativos da assinatura anual para 1975: Itália 3000 liras; Europa (via aérea), 7.500*

liras; fora da Europa 10 dólares USA (correio ordinário), 18 dólares USA (correio aéreo).

## 1. Evangelizar com a Comunicação Social

*Por ocasião do "Dia mundial da comunicação social" (26 5 1974), o Papa recordou ainda uma vez que é interesse e dever especialíssimo dos cristãos utilizarem tais instrumentos para a difusão da mensagem cristã, particularmente naqueles lugares, onde não pode chegar a palavra direta da evangelização.*

Queridos filhos e irmãos, dado que a importância dos meios de comunicação social vai aumentando incessantemente, na estrutura da sociedade hodierna e na fundamentação das relações humanas, insistimos em manifestar a nossa firme convicção de que, neste campo, todos os homens são chamados a contribuir com a sua parte, de maneira que todos os membros da sociedade venham efectivamente a ser, cada um deles, segundo uma reta função, artífices da comunicação. Tal contributo poderá ser proporcionado dos mais variados modos, os quais vão desde a intervenção direta na programação e na produção, até à decisão pessoal e responsável sobre a escolha e a aceitação ou não aceitação das mensagens da comunicação social.

Estamos igualmente persuadidos de que os cristãos, em particular, deverão dedicar a este fenómeno característico da nossa época, sempre renovada atenção.

*Em situação de permanente evangelização.*

"A Igreja — dizíamos na carta Encíclica *Ecclesiam Suam* — se tem realmente consciência daquilo que o Senhor quer que ela seja, sente nascer em si uma plenitude singular e uma necessidade de efusão, unidas ao claro discernimento de uma missão que a transcende, de um anúncio que deve difundir".

Este dever, é para ser exercido tendo em conta o aspecto de cada um dos períodos da história, e, por conseguinte, no nosso tempo deve cumprir-se também mediante o recurso aos instrumentos de comunicação social. "Seria impossível, hoje em dia, cumprir o mandato de Cristo, sem utilizar as vantagens oferecidas por estes meios que per-

mitem levar a mensagem do Evangelho ao maior número de homens” (Instrução Pastoral “*Communio et Progressio*”, n. 126).

A evangelização é parte constitutiva da missão da Igreja enviada por Cristo ao mundo para pregar o Evangelho a todas as criaturas. A Igreja desempenha esta tarefa sobretudo na vida litúrgica; mas esforça-se por cumpri-la também de todos os modos e com todos os meios de que pode dispor na sua permanência entre os homens de todos os continentes.

Se refletirmos bem, toda a vida do cristão, na medida em que é vivida em conformidade com o Evangelho, se encontra em permanente situação de evangelização no meio do mundo. O cristão, ao viver entre os outros homens, ao participar nas ânsias e nos sofrimentos do mundo, ao empenhar-se em promover o desenvolvimento dos valores humanos, ao inserir-se no dinamismo das investigações e do conforto das idéias, realiza o seu testemunho evangélico e oferece o seu contributo de fermento e de orientação. Esta atitude do cristão depara, no ambiente das comunicações sociais, com vastíssimas perspectivas de influência evangélica.

### *Os muitos, urgentes empenhos*

A nossa atenção é solicitada por muitos objetivos urgentes: primeiro, o de conferir à informação e ao espetáculo contemporâneo uma linha de desenvolvimento que facilite a difusão da Boa Nova e fomenta o aprofundamento dos conceitos de dignidade da pessoa humana, de justiça, de fraternidade universal: valores que facilitam ao homem a compreensão da sua verdadeira vocação e lhe abrem o caminho para o diálogo construtivo com os outros e para a comunhão com Deus.

Depois, o de levar à investigação, para se chegar a um renovamento dos métodos de apostolado, aplicando os novos instrumentos audiovisivos e da imprensa à catequese, à multiforme obra educativa, à apresentação da vida da Igreja, da sua liturgia, das suas finalidades, das suas dificuldades, mas sobretudo do testemunho de fé e de caridade que a anima e a renova.

Enfim, o de se ter em vista o recurso aos instrumentos de comunicação social para se atingirem os países, os ambientes e as pessoas aos quais o apostolado da palavra não pode chegar diretamente, devido a situações particulares determinadas pela escassez de minis-

tros, ou pelo fato de a Igreja não poder exercer livremente a sua missão.

Sabemos que estes esforços e esta investigação, embora ainda não suficientemente adiantados, são já hoje uma realidade, graças à generosa e solidária ação de Bispos, de sacerdotes, de religiosos e de leigos cheios de boa vontade e de competência. Acompanhamos com atenção a atividade da Nossa Comissão para as Comunicações Sociais, das Comissões Episcopais nos vários países do mundo, das Organizações Católicas Internacionais, e dos profissionais católicos. Conhecemos as dificuldades que todos encontram devido à novidade do setor, às condições ambientais e à limitação dos recursos.

A todos eles, e a todos os homens que se servem dos instrumentos de comunicação social para o verdadeiro progresso da família humana e para um melhor dia de amanhã no mundo, dirigimos a nossa palavra de incitamento e de conforto.

## **2. Cabe a vós jovens, dar testemunho de Cristo**

*Como os meninos deram testemunhos a Cristo no dia de seu ingresso solene em Jerusalém, assim os jovens de hoje devem dar testemunho dele neste tempo em que a sua imagem é discutida ou esquecida. O apelo do Papa, dirigido aos jovens na Basílica Vaticana, no Domingo de Ramos (7.4.1974), será argumento útil de reflexão também para os educadores.*

*Tendo lembrado a solene entrada de Jesus em Jerusalém alguns dias antes de sua Paixão, Paulo VI prosseguiu assim:*

É muito importante aprender o significado dessa cena evangélica. Vós a recordais, certamente; ainda há poucos momentos ouvistes a sua descrição. Jesus, como "Rei... manso", cavalgando um jumentinho, sobe, de Betânia por Betfagé, para Jerusalém, vindo da parte oriental da cidade, para aí entrar precisamente por uma das portas orientais. De anotar em tal quadro: antes de mais, a multidão, uma multidão imensa, que aí se havia aglomerado, também por motivo da enorme afluência de gente, vinda de todas as partes da Palestina, que confluía em Jerusalém, na ocasião da Páscoa hebraica, que se celebrava precisamente nesses dias; depois, de anotar ainda que Jesus sobre a sua modesta montada, se torna o centro de uma manifestação extraordinária. Todos se comprimem à sua volta, à volta do Mestre, que, pelos seus milagres e pelos seus discursos, tinha feito com

que se falasse tanto de si, após a ressurreição de Lázaro especialmente, por causa duma questão que agitava bastante a opinião pública, e que os chefes hebreus de Jeruaslém não queriam sequer que fosse ventilada.

*Quem é este Jesus de Nazaré?*

A questão era a seguinte: quem é este Jesus de Nazaré? Quem é este jovem mestre, que faz com que se fale tanto de si? Quem é ele afinal — um profeta, um sedutor do povo? Quem é?

O Messias? Eis aqui uma palavra importante para se compreender o significado e a paixão subjacente a tal acontecimento. Messias, que quer dizer o consagrado por Deus, era um personagem profético, cujo nome prestigioso, a partir de Davi por diante, atravessa a história aventureira e infeliz do povo hebraico, como um sinal de esperança, de libertação e de grandeza. Esta idéia da vinda do Messias tinha-se apoderado da opinião pública, sob a dominação dos Romanos, precisamente no tempo de Jesus. A pregação de João, aquele profeta galhardo e selvático ao mesmo tempo, com a sua palavra vigorosa e com seu batismo penitencial, lá para as bandas da foz do Jordão, tinha reacendido a expectativa, como se fosse algo iminente, a chegada do Messias; e a encantadora pregação e a figura surpreendente de Jesus tinham animado um tal pressentimento. Mas, simultaneamente, tinham levantado, no seio do elemento farisaico dominante, uma opposição surda à hipótese de que Jesus — um simples operário de Nazaré, destituído de quaisquer sinais de potência política e de realeza gloriosa, mas rico de palavras polémicas e de milagres conturbadores — fosse reconhecido como o Messias. Era um personagem equívoco e perigoso; era necessário eliminá-lo. E eis que Jesus, contrariamente aos seus hábitos, naquele dia se dava a conhecer, simples e humilde, mas por aquilo que era: o Filho de Davi, isto é, o Messias.

Aqui insere-se uma circunstância decisiva, que é aquela que agora mais nos interessa: as aclamações da multidão. Essa multidão, de fato, que devia ser imensa e dominada por um sentimento único, reconheceu e proclamou Jesus de Nazaré — o humilde profeta que subia para Jerusalém sobre aquela montada popular sem vitórias militares e políticas — como aquele que Ele era verdadeiramente: o Filho de Davi; ou seja, como enviado por Deus, como herdeiro das esperanças seculares do Povo hebreu, como aquele que vinha libertar e salvar o seu povo e instaurar os seus novos destinos. Era autêntica esta

identificação da Pessoa; illusória, porém, a interpretação do Reino. Não se tratava já do reino terrestre de Davi; mas sim, do “reino dos Céus”, do “reino de Deus”, pregado pelo mesmo Cristo no Evangelho. Sobre a cruz de Jesus, no entanto, a inscrição de Pilatos, em três línguas, destinada a enunciar o motivo da condenação do Senhor àquele suplício impiedoso, diria ainda qual a acusação que o qualificava: “Rei dos Judeus”. Como tal foi crucificado.

### *O grito dos jovens*

Mas o que nos está a peito salientar, neste momento, é que a proclamação messiânica de Jesus foi, sem dúvida, predisposta por Ele mesmo, mas verificou-se pela voz do povo; e entre o povo, aquilo que mais fez ecoar tal aclamação profética, histórica e religiosa, foram os gritos dos jovens, foi a voz vibrante das crianças. E isso, para nós, tem um valor simbólico e permanente. É que, hoje ainda, jovens e crianças que nos ouvis, nós podemos repetir: pertence-vos a vós, sim, pertence-vos a vós proclamar a glória, dar a conhecer a missão e afirmar a identidade de Jesus Cristo: Ele é o Messias, Ele é o centro dos destinos da humanidade, Ele é o libertador; Ele é o *Salvador*; e de tudo isto compreenderemos assim as razões profundas: porque Ele é ao mesmo tempo, Filho do homem, quer dizer homem por excelência, e Filho de Deus, ou seja o Verbo de Deus que se fez homem; é o Mestre e o Pão celeste do mundo; é Aquele de quem ninguém pode prescindir; é Aquele de quem todos devemos e podemos ser amigos; Ele conhece-nos, ama-nos e salva-nos; Ele é a Luz da humanidade, é Ele o caminho, a verdade e a vida. O entusiasmo por Cristo, quando se chegou a perceber d’Ele alguma coisa, não tem limites: Ele é a alegria do mundo, a nossa alegria!

Jovens e crianças que nos ouvis: vós especialmente deveis compreender esta mensagem messiânica. Vós deveis compreender Cristo, com uma especial intuição, tão especial que a podemos dizer carismática: é um dom vosso, a vossa sapiência — compreender Cristo!

E com este primeiro resultado: deve nascer em vós a persuasão de que deveis dar, de algum modo, testemunho de Cristo.

Sim, dar um testemunho novo e vitorioso de Cristo, nos nossos tempos, incumbe a nova geração, pertence às crianças, pertence à adolescência e pertence à juventude; e a estes pertence hoje, uma vez que amanhã deverá ser tarefa dos adultos.

*Como podem os jovens testemunhar Cristo?*

O discurso torna-se complicado e delicado: como é que as crianças e os jovens podem ser testemunhas de Cristo? E o que dizemos para o elemento masculino é válido também para o elemento feminino: as donzelas sabem-no bem. Portanto: como se há de ser testemunha de Cristo? Nós poderíamos restringir a imensa e difícil extensão de tal dever, enunciando-O numa palavra apenas: sede verdadeiramente Cristãos! Vós fostes batizados: pensais acaso nisso? Rezais, quer dizer, falais com Cristo e com Deus, o nosso amantíssimo Pai celeste? Sois sempre sinceros e bons, na sua presença? Amais as vossas Famílias e as vossas escolas? Praticais alguns atos de bondade em favor daqueles que sofrem? E assim por diante... Estas coisas, todos vós as conheceis e, certamente, as fazeis; pois bem: vós dais testemunho de Cristo, se e porque viveis como cristãos.

Há qualquer coisa mais, no entanto, que importa fazer: o testemunho comporta alguns atos positivos de adesão a Cristo. Pois bem, então prestai atenção: passamos a indicar-vos uma breve escada, que sobe em direção ao testemunho de Cristo. O primeiro degrau é o da coragem para a coerência com o nome de cristão: envergonhai-vos, porventura, de serdes cristãos e de ir a Igreja? Se assim for, aí está uma primeira vileza a superar; é preciso não ter vergonha e não fugir quando o aparecer como religiosos e católicos possa provocar os escárnios de outros, ou então acarreta algum risco para o nosso nome, ou para os nossos interesses. Segundo degrau a superar é o da crítica malévola e não raro injusta para com a Igreja, para com as suas instituições e para com os seus homens; é uma coisa que se tornou moda, a contestação, que faz infiltrar o amargor e a soberba no coração e faz a caridade tornar-se algo árida, se bem que assumam formas puritanas, que infelizmente resvalam muitas vezes para a simpatia e até mesmo solidariedade para com os inimigos da Igreja. Sede fiéis e humildes, e sereis fortes; e, ademais, podereis dar um bom e positivo testemunho da vossa profissão cristã e católica.

E, terceiro degrau na nossa escada: mostrai-vos animosos e ufanos em dar o vosso nome e a vossa adesão ativa a qualquer instituição militante no campo da ação, ou da piedade, ou da caridade. Hoje em dia bem o sabemos, já não se quer militar por causa alguma, ou por qualquer idéia que tenha ressaibos de religiosa, ou de católica, ou de cristã, ou até de simples e nobremente civil; prefere-se ficar livre e exonerado de obrigações de organizações. E isto nem sempre é um

bem; o testemunho torna-se mais fácil e mais forte em virtude da união, do empenhamento comunitário e da fidelidade coletiva. Além disso, nós não devemos, no íntimo dos nossos corações, dar a preferência aos caminhos fáceis da indiferença ideal, espiritual e social. O individualismo, o isolamento, o menosprezo pelas causas boas não são conformes com o estilo cristão de viver, especialmente em ordem àquilo que agora nos interessa — o testemunho de Cristo Senhor.

Pois bem: ficai sabendo, caríssimos jovens e crianças, que a Igreja, e talvez a história, espera exatamente de vós, neste tempo, uma profissão cristã nunca desmentida, nunca simulada e nunca indiferente; mas sim, franca, coerente, alegre e mesmo, para o nosso mundo moderno, exemplar e convincente.

### **3. Jovens, farei de vós pescadores de homens**

*Como Cristo, um dia, chamou os seus apóstolos e eles abandonaram as redes para O seguirem, assim também o Papa convida os jovens de hoje a ouvirem a voz que chama: é um chamado que sobe do coração da humanidade, do próprio coração de Deus. Mensagens de Paulo VI para o "Dia das vocações" (5.5.1974).*

Falo aos Jovens. Sim, a vós, Jovens, me dirijo, especialmente.

Verifica-se hoje, quase com visível realismo, uma Palavra, uma promessa de Jesus Cristo. Então disse a Pedro e a André, seu irmão, os quais, pescadores como eram, estavam a lançar as suas redes no lago da Galiléia; e Jesus, ao passar ao longo das margens, viu-os e disse-lhes: "Segui-me, e far-vos-ei pescadores de homens". Qual a entoação que teria aquela palavra? Que aspecto teria assumido, naquele momento, o jovem Rabi, que os mesmos pescadores pouco tempo antes haviam já encontrado, lá em baixo, para as bandas da foz do Jordão, na atmosfera misteriosa da pregação messiânica de João, o Batista? Não sabemos. O fato é que os dois pescadores — reparai bem — abandonaram imediatamente as redes e puseram-se a caminho do Mestre que acabavam de conhecer. Poucos passos mais adiante, a cena repete-se, em relação a outros dois irmãos: Tiago e João, filhos de Zebedeu; também estes deixam logo as suas redes, deixam mesmo o próprio pai, a barca e os companheiros de faina da pesca; e vão atrás de Jesus, que leva consigo para pregar o advento do reino dos céus, a pequena comitiva.

*Eu chamo, eu vos chamo*

Cena simbólica, esta, e cena profética. Será por demais fantástico pensar que ela se reflete na minha situação atual? Imaginai o Papa, que traduz bastante imperfeitamente o perfil de Jesus, ou as aparências de Pedro; e, no entanto ele é o sucessor de Pedro; e é o Vigário daquele mesmo Cristo. Acha-se o Papa, não já na margem dum lago tranqüilo, mas sim à beira de um rio caudaloso e turbilhonante, o rio da história, o rio da avassaladora vida moderna, no qual vós, Jovens desta geração irruptiva, sois arrastados pela eletrizante violência dos nossos tempos, em que vós, como todos os demais aliás, pescais com surpresas inexauríveis experiências estupendas ou tremendas que elas sejam.

Eu chamo. Eu chamo por vós. Bem sei que é uma ousadia da minha parte, talvez vã e talvez mesmo importuna; mas eu devo lançar a minha palavra, como Jesus: vinde comigo! E direi mais: esta minha palavra é palavra grave. Vir comigo comporta uma doação extremamente preciosa, a doação pessoal de vós mesmos ao Senhor; ela comporta um sacrifício sem reservas. Mas é assim mesmo; eu tenho que ser sincero: esta minha palavra, que intenta ser vocação para vós, é algo invasor e exigente em relação às vossas pessoas. (Entretanto, depois vos direi, e por vós mesmos haveis de compreender, quão afetuosa deseja ser esta palavra; e quem a seguir, fará esta experiência paradoxal: a vocação, penetrante e profunda, no íntimo mais secreto da consciência, lá bem no fundo, é algo suavíssimo e extasiante; não há coisa alguma, nem qualquer prazer, nem qualquer amor que a possa superar. Mas isso são coisas que virão depois). Por agora, basta-me bradar: há aí alguém que queira vir? Há aí alguém que no meio do grande barulho das mil e uma vozes do nosso mundo, se dê conta e ouça a minha?

Pois bem: não recuseis ao menos este convite: experimental a ouvir!

*O chamado que vem da humanidade*

E perguntar-me-eis: mas, a ouvir o que? Ouvi no meu apelo, como primeiro convite, o chamamento da humanidade; aquele chamamento que, hoje ainda, invoca e continua a exprimir as suas exigências mais autênticas, e que as exprime, habitualmente, sofrendo. Ele invoca verdade, invoca luz, invoca interesse, invoca amor, invoca por quem a

guie, invoca socorro... Não advertis em tal invocação o gemido de uma esperança, seguido do lamento da desilusão, do sentir-se perdida, do sofrimento e do desespero? Não dais contas dos gemidos de tantas crianças infelizes, de tantos pobrezinhos desolados, de tantos doentes necessitados, de tantos fracos oprimidos? Não vos apercebeis, acaso, daquele tímido e consumido apelo de quem não sabe a quem confiar certos segredos próprios, ciosa e dolorosamente guardados? E não reparais ainda no clamor de quem trabalha, de quem estuda e de quem se agita, sem saber afinal porque? Quem lhe poderá desvendar o porquê da vida? Quem é que pode dizer ao irmão: "aquele que caminha após mim não anda nas trevas"? Quem é que pode depois, consolar a mesma humanidade pela vaidade dos seus esforços, pelo ridículo das suas vaidades e pela fugacidade dos seus dias? Quem poderá enfim, dar um sentido e valor ao saber humano, purificar e fortalecer o amor, ensinar o verdadeiro segredo da beleza, aquilatar o valor das lágrimas e abrir as portas para a sonhada possibilidade duma vida sobrenatural?

É com estas e com centenas de outras perguntas do gênero, que miram a sobre-realidade e a sublimação da vida humana, que se compõe a sinfonia da vocação. Deus chama com as palavras da humanidade, que aspira à plenitude transcendente da própria vida, que de modo diferente, ficaria falhada.

Quem saberá ouvir este corpo implorante? Este é o primeiro momento da vocação moderna: o momento sociológico-religioso.

### *Interceptar os sinais do Espírito*

Temeis, acaso, a fascinação de um pietismo humano?

Jovens, olhai bem: além desta, torna-se necessário saber ouvir ainda outra voz, amiga e sapiente. E eis-nos no segundo momento: psicológico-religioso. É preciso recorrer ao especialista; quer dizer, ao mestre da alma, ou diretor espiritual. Tem-se necessidade de um amigo, perito, nos segredos dos corações.

Eu digo a vós, jovens, todos vós que sois capazes de captar e entender a linguagem duma vocação extraordinária, a vocação para o dom total de si mesmo ao amor e ao serviço de Cristo. Trata-se de interceptar os sinais mais misteriosos do Espírito. E isso não é coisa fácil. Para tanto é preciso ser-se iniciado numa técnica (desculpai o termo!) divinatória; isto é, precisa-se de possuir a chamada "disci-

ção dos espíritos”, o discernimento da fenomenologia espiritual; poderemos talvez servir-nos de um termo hoje na moda, adaptando-o ao campo religioso, e dizer: é preciso um psicanalista do Evangelho. E digamos mais: é preciso um carisma.

Exigência indispensável, mas de solução não difícil, se a escolha do intérprete desejado recair sobre uma pessoa sábia e santa, que certamente, não faltará na Igreja de Deus.

### *Dois vozes que coincidem*

Mas então o problema torna-se dramático, no momento em que a voz que chama se desdobra e passa a ser um som que vem de outrem, externo e humano; e, ao mesmo tempo um som pessoal, interno e inspirador. Qual dos dois há de prevalecer? Qual é o mais autorizado? É aqui que está a fase decisiva para alcançar a segurança da vocação, da qual pode depender o destino duma vida, com numerosas outras conseqüências. Produz-se então uma tensão; mas não há motivos para recear, em virtude de duas razões tranquilizadoras. A primeira é fornecida por uma experiência característica nesta aflição, mas, quando é ao cabo, apenas aparente ambigüidade: porque, quando a vocação é autêntica, bem depressa as duas vozes coincidem e da sua harmonia desprende-se uma certeza indizível.

A outra razão provém do fato de o chamamento divino para o sacerdócio se exprimir, em última análise, mediante a voz responsável e tranquilizadora da Hierarquia e a imposição das mãos do Bispo, o qual certamente deverá verificar se o candidato procede com reta intenção, e se possui as aptidões indispensáveis para o ministério sacerdotal. Achar-nos no campo pessoal da liberdade, aplicada numa escolha grandiosa e responsável como nenhuma outra, porque, rigorosamente falando, uma vocação de per si não constitui uma obrigação imperativa nem um direito opcional. O vínculo moral nasce do desejo sincero de um ideal mais alto e de um prêmio maior: “se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me” (Mt 19, 21). É este um terceiro momento, que se pode definir: canônico-religioso.

### *Três objeções contra a vocação*

No entanto a incerteza problemática das vocações — e vós Jovens, que o digais — manifesta-se, hoje em dia, noutros, não já

momentos, mas sectores; e aqui, neste ponto, deveria prolongar-se o meu discurso, ou melhor dito, a vossa reflexão. Simplificaremos: são três esses sectores, nos quais se manifestam objeções tão fortes a uma vocação, que esta, se bem que seja hipoteticamente possível, hoje, facilmente estiola, como o grão infecundo da parábola. Quais são estes sectores?

O primeiro é o sector especificamente religioso; e concerne não apenas as vocações propriamente sacerdotais, mas também as votadas a um estado de perfeição, tanto masculinas como femininas. A objeção formula-se com uma pergunta banal: valerá a pena? Mas, em seguida, ela investe tanto a análise crítica da religião — ou seja, da vontade da nossa fé, hoje em dia sujeita às arremetidas das mais radicais contestações filosóficas e bíblicas quanto a avaliação moral dos sacrifícios que uma vocação comporta. Valerá a pena arriscar a própria existência naquela fórmula de vida que a Igreja apresenta como interpretação segura duma fidelidade absoluta à sequela de Cristo? E Cristo quem é, afinal, para que eu tenha de fazer-lhe a oblação incondicionada da minha vida?

Esta objeção é de tal maneira forte e tão complexa, que mobiliza todas as capacidades investigadoras, especulativas e morais, necessárias para alcançar uma certeza, uma Verdade vitoriosa. Esta, todavia, não é difícil de alcançar, ó Jovens, pela senda do estudo, da reflexão, do conselho, da oração e, sobretudo, pela via da graça. A vocação é uma graça. Por sua natureza supõe e exige que uma Voz se faça ouvir — precisamente a voz do Pai, por Cristo, no Espírito — o convite inefável: Vem! E trata-se de uma graça, que encerra em si o seu poder de atração, de convicção e de certeza. No fundo, não se trata senão de verificá-la e de aceitá-la depois, generosamente.

#### *O momento mais livre, mais amoroso, mais generoso*

E o outro sector de objeções, de dificuldades e de obstáculos, que muitas vezes se afiguram paralisantes e insuperáveis, qual é? — É o do ambiente social. Este ilaqueia-nos, absorve-nos e condiciona-nos de tal modo que se torna difficilimo libertar-se e sair dele, hoje em dia com um hábito, um estilo e um compromisso de Igreja. Um tal “respeito humano”, outrora, não era assim tão forte e predominante. Nos nossos dias, é talvez o impedimento psicológico e prático mais grave. Os jovens sentem quanto é para eles algo fora de moda, ridículo e inverosímil, sair dos costumes comuns e professar uma vocação

sacerdotal ou religiosa, sem compromissos mundanos, indecorosos para semelhantes vocações. Esta saída é um momento forte; uma angústia mesmo, para alguns. Mas é o momento mais livre, mais amoroso e mais generoso que alguma vez possa qualificar uma vida; uma vida cristã. E depois, é apenas um momento, um momento de coragem pessoal. E entra-se no terceiro setor: a Igreja. Sim, a Igreja, na sua prosaica realidade humana, histórica, visível e canônica. A Igreja, com sua contradição permanente — entre ideal e a realidade; tanto mais importuna, tal contradição, quanto mais o ideal é afirmado sublime, evangélico, sagrado e divino, e a realidade, em contrapartida, se apresenta, com freqüência, mesquinha, angusta e defeituosa, e até mesmo, algumas vezes, egoísta e degenerada. Mas, não obstante, é a Igreja!! É aquela instituição social que cada um, fazendo parte dela, pode transfigurar, e a qual, por mais humana e apocada que seja, é sempre “o sinal e o instrumento” da nossa salvação e é sempre a dispensadora dos mistérios divinos; ela é a verdadeira, a santa Mãe Igreja, pela qual Cristo derramou o seu amor e o seu sangue (Ef. 5, 29). Ela é sempre digna de ser amada e escolhida por vós, ó Jovens! Sim, ela coloca-vos a Cruz sobre os ombros; mas é a Cruz de Cristo, o qual espera pelo Cirineu que a Ele se associe, para lhe suportar o peso; é o drama heróico da glória de Deus, da salvação do mundo, da incomparável honra, enfim, à qual vós, ó Jovens, sois chamados.

Não queremos acrescentar outra coisa.

Sabei, Jovens caríssimos, que é o Papa que vos fala olhando para vós com imensa afeição, com trepidante esperança e com grande alegria.

## VIII. NECROLÓGIO

---

### *P. Amore Amori*

\* em Assis (Perugia-Itália), 13-11-1899; † em Roma (Itália), 8-2-1974 com 74 anos, 55 de profissão, 49 de Sacerdócio.

Simple e cordial com todos, teve paixão pelas aulas, não se poupando a esforços pelo feliz êxito de seus alunos. O trabalho ininterrupto entre os meninos lhe tornara habitual, como se fora um sexto sentido; a assistência cuidadosa e vigilante, onde quer que se achasse. Assíduo no ministério da pregação e da confissão. Terminada a guerra, foi assistente eclesiástico das ACLI romanas, dedicando-se-lhes com entusiasmo juvenil. Punha na oração a eficácia de seu trabalho, e soube rezar até o fim da jornada.

### *P. José Augustaitis*

\* em Voverei (Suwalk-Lituânia), 12-2-1886; † em Lima (Peru), 20-2-1974 com 88 anos, 63 de prof. 54 de sacerdotio. Foi diretor por 3 anos.

De profunda piedade e de zelo incansável, gastou todas as suas energias entre os meninos autóctones da Cordilheira Peruana. Por suas benemerências no campo educativo, mereceu do Governo a condecoração "Las Palmas Magisteriales". Por muitíssimos anos, desenvolveu seu ministério sacerdotal, silencioso e eficaz, no confessionário.

### *P. António Ballesto*

\* em Rivarosa (Turim-Itália), 30-12-1901; † Cuorgnè (Turim) 27-4-1974 com 72 anos 50 de prof., 43 de sacerdotio.

Chamado por Nosso Senhor, já moço, com quase vinte anos, soube responder com prontidão, transformando a vida inteira num "sim" humilde e generoso, preocupado tão somente com ser fiel no serviço de Deus e dos irmãos. E foi também com um "sim" consciente e rico de fé que aceitou a cruz do sofrimento com que seu Senhor lhe quis coroar os 50 anos de vida religiosa.

### *P. João M. Birkenbihl*

\* em Camperg im Taunus (Hessen Nassau-Alemanha), 16-8-1903; † em Köln (Alemanha), 15-12-1974 com 74 anos, 48 de prof., 39 de sacerdotio.

Julgava uma felicidade ter vivido alguns anos em Valdocco. Durante seis anos foi secretário fiel do P. Pedro Berruti, Prefeito

Geral, de quem guardou indelével lembrança, tendo-o por modelo do salesiano (à sua intercessão atribuía a cura de grave doença em 1964). Num segundo período, o P. Ricaldone o encarregou de um trabalho de confiança: o arquivo dos escritos de D. Bosco, para ordenar e classificar o epistolário, os manuscritos e o restante. fê-lo com uma paciência e fidelidade que D. Bosco, por certo deve ter recompensado, do céu.

*P. António Claudino Duarte*

\* em Vilar do Cadoval (Estremadura-Portugal), 30-9-1918; † em Mogofores (Portugal) 4-4-1974 com 65 anos, 38 de prof., 29 de sacerdócio. Foi diretor por 3 anos.

Zeloso e ativo assistente e professor de teologia, no início de seu sacerdócio trabalhou também na paróquia do Estorial, no oratório e entre os Ex-alunos do Porto. Encarregado depois dos Cooperadores, foi incansável no trabalho de tornar conhecido esse ramo da Família Salesiana, com pregações e conferências. Aproveitava os numerosos contatos humanos para promover vocações religiosas, de modo especial para as Filhas de Maria Auxiliadora. Como pároco, no último período de sua atividade, organizou a catequese, promoveu a vida sacramental, o oratório festivo, as aulas noturnas.

*P. Augusto Cronzes*

\* em St. Just sur Viar (Aveyron-França), 21-2-1900; † em Rieupeyroux (França), 2-5-1974 com 74 anos, 53 de prof., 45 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Fibra de trabalhador, desenvolveu sua missão salesiana e sacerdotal 17 anos em Nazaré, depois em sua pátria, e por fim na Algéria, em Bouisseville. Amou profundamente a D. Bosco, fidelíssimo sempre aos valores autênticos da tradição salesiana. Mesmo na velhice, estava presente nos recreios, entre os meninos, bondoso e paciente. Sua vida inteira foi uma roação.

*P. Caetano Tomás D'amato*

\* em S. Francisco (Califórnia-USA), 23-10-1919; † em Los Angeles, 11-10-1973 com 54 anos, 35 de prof., 25 de sacerdócio.

Longos anos doente, "Father Tom" (como lhe chamavam os irmãos e alunos) teve sua pesada cruz na impossibilidade de trabalhar como tanto desejava; soube entretanto esconder esse sofrimento por detrás

de um sorriso inalterável. Diante de alguma falta de atenção, costumava dizer: “Nada de perder a paz!”, expressão que se tornou seu mote habitual. Incansável no trabalho pelas missões, para elas recolhia fundos e toda espécie de auxílios. Os meninos não de lembrarse sempre desse padre tão seu amigo e verdadeiro educador.

#### *P. Felipe Diez*

\* em Los Tremelhos (Burgos-Espanha), 26-5-1898; † em Madri (Espanha), 22-2-1974 com 75 anos, de prof., 47 de sacerdócio.

Sacerdote exemplar pela vida de piedade e dedicação aos alunos. Salesiano fiel a D. Bosco, cuja vida e pensamento conhecia bem através da assídua leitura das Memórias Biográficas. De bom caráter, na idade avançada dava-se por feliz por se ver rodeado de meninos órfãos que espiritualmente acompanhava com afeto.

#### *P. Ildefonso Gómez Urbán*

\* em Fuentes de Andalucia (Sevilha-Espanha) 21-11-1899; † em Sevilha-Macarena (Espanha), 19-9-1973 com 73 anos, 47 de prof., 38 de sacerdócio.

Um companheiro seu de serviço militar, de mesmo nome e cognome, salesiano, foi a ocasião para a sua entrada na Congregação. A simplicidade e constante disponibilidade eram as características que lhe cativaram a confiança dos jovens e de quantos se lhe aproximavam em busca de lenitivo para suas penas ou solução para seus problemas.

#### *P. Ladislaw Klimczyk*

\* em Minoga (Kielce -Polónia), 24-8-1893; † em Oswiecim (Polónia), 6-2-1974 com 80 anos, 60 de prof., 52 de sacerdócio. Foi diretor 11 anos.

Com vocação missionária desde o noviciado, depois de ter trabalhado como catequista e ecônomo em sua terra, em 1929 foi para a Índia. Em 1939 voltou à Polónia a procura de auxílios para construir uma igreja na sua missão, mas a guerra o bloqueou. Somente mais tarde pôde retornar “aos seus”, como dizia. Em 1959 repatriou-se definitivamente; foi diretor, depois confessor, com inteira dedicação pelas almas, até a morte.

*P. Marcos Michalon*

\* em St. Etienne (Loire-França), 3-8-1922; † em Lyon (França) 2-5-1974 com 51 anos, 28 de prof., 20 de sacerdócio. Foi diretor 12 anos.

No pedido para o noviciado, dissera que queria trabalhar com a juventude pobre; pois dedicou-lhe toda a vida de Salesiano. Amou de fato os jovens, e estes retribuíram com entusiasmo à sua compreensão, à sua jovialidade natural e à extraordinária capacidade de acolhimento. O trato afável e humano, a delicadeza, bondade, descrição puseram-no sempre disposto a qualquer sacrifício, num grande testemunho de fé.

*Coad. Gregório Odúber*

† em Capadare (Falcón-Venezuela), 28-11-1885; † em Caracas (Venezuela), 5-4-1974 com 88 anos e 46 de profissão.

Bom, alegre, disposto sempre a servir, generoso. O espírito apostólico arrastou-o às missões: ficou em Porto Ayacucho, no Alto Orinoco, por bem 24 anos, como *factotum* da Casa. Salesianos, alunos, operários nele encontraram um modelo de cristão e de religioso.

*P. Pedro Telmo Ortiz*

\* em Bolívia (Buenos Aires-Argentina), 13-3-1890; † em Bahía Blanca (Argentina), 29-7-1973 com 83 anos, 66 de prof., 57 de sacerdócio. Foi diretor 8 anos.

Com razão poder-se-ia chamá-lo "patagônico": poucos sacerdotes, como ele, terão trabalhado tanto tempo na Patagônia, e a terão amado tanto. Professor, transmitia mensagem de vida que ficava marcada indelével nos alunos. Amava a natureza e sabia ver a mão de Deus nos minerais, nas plantas, nos animais. O temperamento de artista, mostrou-o no laboratório fotográfico e cinematográfico, em que se ocupou até os últimos anos. Quando do jubileu de ouro sacerdotal, redigiu esta oração: "Que em possa até o último instante de minha vida semear, com simplicidade e prudência, ao redor de mim, a verdadeira alegria e o otimismo dos filhos de Deus". E Deus lhe concedeu essa graça abundantemente, porque todos se sentiram bem ao redor dele.

*Coad. António Otero*

\* em Torneiros, Allariz (Orense-Espanha), 6-9-1906; † em Sevilha, 16-11-1973 com 67 anos, 47 de profissão.

Quase todas as casas da Inspeção tiveram a contribuição do seu trabalho apostólico. Traços característicos seus: o amor ao trabalho e a fidelidade às práticas de piedade. Professor metódico e constante. Seus alunos percebiam o carinho com que os acompanhava, através da correção das tarefas e do respeito com que os tratava sempre, vendo neles pequeninas mas autênticas pessoas. Praticou escrupulosamente a assistência salesiana, até seus derradeiros dias.

*P. Elías Otero*

\* em San Adrián del Valle (León-Espanha), 16-2-1885; † em Santander (Espanha) com 88 anos, de prof., 56 de sacerdócio.

Quase metade de sua longa vida salesiana passou-a em Santander, entregue ao ministério das aulas e do confessionário. Dotado de personalidade forte e original, de inteligência incomum, com especial aptidão para línguas. Apesar da vasta cultura, evitava discussões, dando assim mostra de grande respeito pelos outros. Ordenado e exigente nas aulas, disciplinado como religioso, tinha gosto pela vida: viver para trabalhar, para aprender sempre coisas novas, para celebrar a missa bem cedinho, para propiciar aos jovens seu conselho prudente e paterno.

*P. Francisco J. Pereira Leite*

\* em Vieira (Braga-Portugal), 22-9-1886; em Évora (Portugal), 10-2-1974 com 87 anos, 69 de prof., 54 de sacerdócio. Foi diretor 24 anos.

Foi um dos últimos salesianos do “tempos heróicos”: conheceu os inícios da obra e da restauração de 1920 em Portugal. Foi assistente e conselheiro vigilante e paterno, exigente também; religioso e sacerdote de verdadeira têmpera apostólica. Quando da supressão das ordens religiosas, preferiu o exílio (primeiro na Itália, depois na Espanha) recusando o convite de uma fácil sistematização na vida civil, para ficar fiel à sua vocação. Distinguiu-se pelo amor à Congregação e ao trabalho, e pela simplicidade cheia de alegria. Foi de grande préstimo aos párocos, diretor espiritual e confessor muito procurado.

*Coad. Emanuel Maria Pérez*

\* em Rao (Lugo-Espanhã), 20-10-1888; † em Boulogne (Buenos Aires-Argentina), 23-4-1974 com 85 anos e 5 de profissão.

Chegou à Congregação nos umbrais de seus oitenta anos, como o obreiro da última hora da parábola; e, cômico da brevidade do tempo à sua disposição, doou-se sem reservas e com generosidade a D. Bosco. Visando ao bem da casa, dos irmãos e dos alunos, tomava cuidado dos mínimos detalhes. Nas práticas de piedade, refletia sua união com Deus e o profundo amor a D. Bosco.

*P. Geraldo Poblete*

\* em Chuquicamata (Antofagasta-Chile), 13-5-1942; † em Iquique (Chile), 21-10-1973 com 31 anos, 11 de prof., 2 de sacerdócio.

Uma vida breve, toda inteira dedicada ao serviço da juventude. Por meio de originais iniciativas pastorais, soube fazer emergir com simpatia aos olhos dos jovens a figura de Cristo Salvador. A morte, ocorrida com só dois anos de sacerdócio, numa hora tão difícil para o seu povo, veste sua existência de uma luz pascal de oblação pela juventude.

*Coad. Tomás Poonolly*

\* em Trichur (Kerala-Índia), 6-6-1937; † em Cochim (Índia), 2-12-1973 com 36 anos, 15 de de profissão.

Era diretor (oficial) da nossa escola de Vaduthala. Sabia unir à competência de professor e à exemplaridade de religioso marcantes qualidades desportivas e um especial amor aos meninos mais pobres, que ele seguia com afeto fraternal. Uma forma de meningite aguda lhe trancou improvisamente a vida moça.

*P. Hércules Provera*

\* em Mirabello Monferrato (Alessandria-Itália), 11-4-1891; † em Turim-San Paolo (Itália), 13-3-1974 com 82 anos, 63 de prof., 54 de sacerdócio.

Depois de um período de “vida de camponês” (lembrado continuamente com simpatia) que ele passou em Lombriasco e Cumiana, por quase meio século foi uma das figuras mais características do popular Borgo San Paolo de Turim. Pregador muito solicitado,

confessor apreciado, habilíssimo administrador; mas sua missão carismática foi a de “assistente social”: missão *sui generis*, em que o coração ardoroso e a vontade tenaz o levaram a fazer tudo para ajudar a qualquer um que recorresse a ele. São incalculáveis os lugares de trabalho e os alojamentos que ele arranjou, as quantias esmoladas para os seus pobres, jamais usadas em benefício próprio.

#### *Coad. João Riera*

\* em San Hilario Sacalm (Gerona-Espanha), 20-8-1881; † em Havana (Cuba), 29-3-1973 com 91 anos, 71 de profissão.

Começou sua longuíssima vida salesiana como assistente e chefe de turma agrícola em Gerona. O encontro com o P. Rua, em cujas mãos professou, deixou-lhe na alma uma indelével marca. Homem de viva fé, de sólida piedade, aberto ao ajornamento, soube superar todas as dificuldades com são otimismo. Afirmou de si mesmo: “Maria Auxiliadora me tem guiado a vida inteira. Espero que me guie até o céu. Sempre a trouxe comigo, e Ela bem sabe que me dei todo a Ela”.

#### *P. Francisco Rigamonti*

\* em Lamburgo (Como-Itália), 15-2-1917; † em Como (Itália), 1-4-1974.

Com 57 anos, de prof., 30 de sacerdócio. Cordialidade de tato e riqueza de relação humana foram as características de seu longo período de docência, ligando-o afetuosamente a muitos ex-alunos. Dedicou os últimos anos à assistência espiritual das FMA. Uma pesada prova, que lhe cerceou qualquer atividade, preparou-o ao repentino mas esperado encontro com Nosso Senhor.

#### *P. Leão Rodenbeck*

\* em Liemke (Prússia Oriental), 1-5-1906; † em Sannerz (Alemanha), 4-1-1974 com 67 anos, 47 de prof., 38 de sacerdócio.

Há 25 anos era pároco de Sannerz, tendo a seu cuidado muitas outras comunidades limítrofes. Muito benquistado, o seu trabalho era muito apreciado. O funeral imponente, com a presença de seus dois irmãos salesianos também, testemunhou quão profundamente conseguira o P. Leão alcançar o coração de todos.

*P. Miguel Rodríguez Fernández*

\* em Barruecopardo (Salamanca-Espanha), 3-3-1909; † em Algeciras (Cádiz-Espanha), 29-11-1973 com 64 anos, 47 de prof., 37 de sacerdócio.

Usava de admirável delicadeza com todos, principalmente na função de diretor. Pode sua vida resumir-se nestas palavras ditas nos seus funerais: "Foi sempre sacerdote, sempre salesiano, sempre humano e atencioso com todos". Característicos seu espírito de obediência, seu trabalho de educador, e a atividade escondida de direção espiritual. Pedia com insistência a Nosso Senhor uma morte rápida, para não ser de peso aos irmãos: morreu improvisamente, de um ataque cardíaco.

*Coad. Alexandre Ramón Sequeira*

\* em San Lorenzo (Santa Fé-Argentina), 9-3-1898; † em Alta Gracia (Córdoba-Argentina), 7-3-1974 com 76 anos, 23 de profissão.

Desde menino desejava consagrar-se ao Senhor, mas somente depois dos quarenta anos pôde entrar na Congregação, após ter assistido sua mãe até a morte. Entrementes ocupara postos de relevo na administração pública como procurador; e por muitos anos foi o dirigente da Ação Católica, ao lado do Card. Caggiano. De qualidades incomuns, desincumbiu-se de encargos de grande responsabilidade na administração das casas e da Inspeção. Não obstante seu temperamento forte, reto e intransigente, soube compreender, esquecer e perdoar.

*Diác. José Maria Teixeira*

\* em São Paulo (Brasil), 26-2-1923; † em São Paulo, 26-6-1973 com 50 anos de idade e 32 de profissão, 22 de diaconado.

Na função da ordenação sacerdotal, teve um desmaio que lhe impediu continuar com os outros o rito sacramental. Daí, então, por humildade como S. Francisco de Assis, quis continuar diácono por toda a vida. Tinha feito com brilhantismo o estudo de Ciências Econômicas, campo em que se mostrou muito capaz. Muitas comunidades de religiosos e religiosas vinham pedir-lhe o precioso conselho. Dirigiu a construção de alguns dos nossos institutos e últimamente, a da nova sede da Editorial Dom Bosco. Foi o homem da visão e da realização econômica justa; reservado e humilde, traba-

lhador incansável e fecundo, visou acima de tudo à construção do Reino de Deus.

*Card. Estevão Trochta*

\* em Francová Lhota (Morávia-Tcheco-Eslováquia), 26-3-1905; † em Litomerice (Tcheco-Eslováquia), 6-4-1974 com 69 anos, 49 de profissão, 42 de sacerdócio. Foi diretor 11 anos, bispo desde 1947, criado cardeal em 1969, e proclamado em 1973.

Órfão de pai aos oito anos, precisou ajudar a mamãe, tendo mesmo de interromper os estudos, para sustentar os irmãos menores. Conhecendo os Salesianos, conseguiu ser admitido entre os filhos de D. Bosco. Terminados os estudos em Turim, com láurea em teologia, em 1932, voltou para a pátria, onde, com talento incomum e com seu entusiasmo contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Congregação, que estava dando os primeiros passos na Tcheco-Eslováquia. Mas logo foi arrebatado no turbilhão da guerra. Dela carregou a experiência tremenda de três campos de concentração: Teresín, Mauthausen e Dachau. Era de compleição sólida e robusta, mas nos padecimentos sua saúde se arruinou. Em 1945, voltou a Praga para os seus jovens, que o acolheram como a um ressuscitado.

Em 1947 foi sagrado bispo. Pôs-se tenazmente a reorganizar a diocese, mas não pôde terminar nem sequer a primeira visita canônica: os tempos tinham-se tornado difíceis. Em 1950 proibiram-lhe o exercício das funções episcopais; em 53 foi preso; em 54, condenado a 25 anos de cárcere. Por longos anos negaram-lhe o conforto da celebração da missa. Em 1960, anistiado, sem entretanto poder exercer o ministério; e teve de trabalhar como operário. Em 1968, após as conhecidas mudanças políticas, sua condenação foi anulada, e desde o dia 1.º de setembro daquele ano pôde retomar o governo da sua diocese. No ano seguinte, Paulo VI o nomeava cardeal "in pectore". Somente em março de 1973, o Papa tornou pública a nomeação.

Homem de oração, de contemplação e de ação, reuniu em sua pessoa ricas experiências vividas para o ensinamento de uma grande serenidade e de uma acolhedora bondade. Pode-se bem dizer que ele

soube suportar tudo, e tudo superar com a caridade de Cristo. Foi notável exemplo de salesianidade sincera e de total fidelidade ao Papa e à pátria. A Santa Sé ofereceu a contribuição de sua sensibilidade de Pastor na qualidade de membro da Comissão Pontifícia para a revisão do Código de Direito Canônico e membro do Secretariado para os Não-crentes.

*P. Serafim Zaccagnini*

\* em Roma (Itália), 26-7-1915; † em Salvador (El Salvador), 22-2-1974 com 58 anos, 42 de prof., 31 de sacerdócio. Foi diretor 2 anos.

Muito moço ainda, foi para a Inspeção da América Central, onde passou toda a sua laboriosa vida de sacerdote e de educador. Dotado de finíssima sensibilidade artística e de notável cultura literária, exerceu apreciado apostolado como professor e educador. Característicos o seu amor a Nossa Senhora, que ele sabia transmitir aos alunos e aos fiéis. Dolorosa enfermidade enriqueceu-lhe os últimos meses de vida.

*Coad. Otávio Zuluaga*

\* em El Santuário (Antioquia-Colômbia), 7-4-1916; † em Bogotá (Colômbia), 2-3-1974 com 57 anos, 31 de profissão.

Exemplar na amizade e no trabalho, indefesso formador de jovens. Quando a Santa Sé confiou aos Salesianos as vastas planícies do Ariari, para lá se foi ele a fim de servir aos mais pobres. Homem de oração. Irrequieto, industrioso e apaixonado pelo trabalho. Andou lutando três anos contra o câncer que o minava. É o primeiro salesiano do Ariari que nos deixa. Seu Inspetor, no discurso fúnebre, disse: "Seu talento prático, a palavra cheia de ressonância humana, seus postulados religiosos e ascéticos, a confiança na Congregação, o espírito juvenil que não lhe permitiu jamais envelhecer, aquela acolhedora amizade ao nível dos pequeninos e dos necessitados fazem dele o protótipo da mais genuína bondade salesiana".

## 2.º Elenco 1974

- 49 Sac. AMORI Amore † Roma-Prenestino (Itália) 1974 com 74 anos.
- 50 Sac. AUGUSTAITIS José † Lima (Peru) 1974 com 88 anos.
- 51 Sac. BALLESEO António † Cuorgnè (Turim-Itália) 1974 com 72 anos.
- 52 Sac. BIRKENBIHL João M. † Köln (Alemanha) 1974 com 70 anos.
- 53 Sac. CLAUDINO DUARTE António † Mogofores (Portugal) 1974 com 55 anos.
- 54 Sac. CROZES Augusto † Rieuepeyroux (Aveyron-França) 1974 com 74 anos.
- 55 Sac. D'AMATO Caetano Tomás † Los Angeles (USA) 1973 com 54 anos.
- 56 Sac. DIEZ Felipe † Madri (Espanha) 1974 com 75 anos.
- 57 Sac. GOMEZ Urbán Ildefonso † Sevilha-Macarena (Espanha) 1973 com 73 anos.
- 58 Sac. KLIMCZYK Ladislau † Oswiecim (Polónia) 1974 com 80 anos.
- 59 Sac. MICHALON Marcos † Lyon (França) 1974 com 51 anos.
- 60 Coad. ODUBER Gregório † Caracas (Venezuela) 1974 com 88 anos.
- 61 Sac. ORTIZ Telmo Pedro † Bahia Blanca (Argentina) 1973 com 83 anos.
- 62 Coad. OTERO António † Sevilha (Espanha) 1973 com 67 anos.
- 63 Sac. OTERO Elias † Santander (Espanha) 1973 com 88 anos.
- 64 Sac. PEREIRA LEITE Francisco J. † Évora (Portugal) 1974 com 87 anos.
- 65 Coad. PÉREZ Emanuel Maria † Boulogne (Buenos Aires-Argentina) 1974 com 85 anos.
- 66 Sac. POBLETE Geraldo † Iquique (Chile) 1973 com 31 anos.
- 67 Coad. POONOLLY Tomás † Cochín (Índia) 1973 com 36 anos.

- 68 Sac. **PROVERA** Hércules † Turim-San Paolo (Itália) 1974 com 82 anos.
- 69 Coad. **RIERA** João † Havana (Cuba) 1973 com 91 anos.
- 70 Sac. **RIGAMONTI** Francisco † Como (Itália) 1974 com 57 anos.
- 71 Sac. **RODENBECK** Leão † Sannerz (Alemanha) 1974 com 67 anos.
- 72 Sac. **RODRÍGUEZ** Miguel Fernández † Algeciras (Cadiz-Espanha) 1973 com 64 anos.
- 73 Coad. **SEQUEIRA** Alexandre Ramón † Alta Gracia (Córdoba-Argentina) 1974 com 76 anos.
- 74 Diác. **TEIXEIRA** José Maria † São Paulo (Brasil) 1973 com 50 anos.
- 75 Card. **TROCHTA** Estêvão † Litomerice (Tcheco-Eslováquia) 1974. Foi bispo 27 anos e cardeal 5.
- 76 Sac. **ZACCAGNINI** Serafim † San Salvador (El Salvador) 1974 com 58 anos.
- 77 Coad. **ZULUAGA** Otávio † Bogotá (Colômbia) 1974 com 57 anos.